

SEMÂNTICA E LEXICOGRAFIA

Por Julio CASARES*
Tradução de Balbina Lorenzo FEIJÓO-HOYOS**

*RESUMO: A Semântica e a Lexicografia se interpenetram mutuamente porque a Lexicografia não se limita a recolher as palavras do léxico, mas procura descrever a significação dos vocábulos e seus usos. O lexicógrafo também se ocupa de evolução dos sentidos das palavras para estabelecer a escala das acepções de um signo lexical. Casares conceitua acepção e discute o problema da discriminação das acepções e da sua ordenação no caso de palavras polissêmicas. Outra questão delicada para o lexicógrafo é o reconhecimento e a identificação correta dos valores metafóricos. O autor usa como exemplo ilustrativo o verbete lat. *ordo* > esp. *orden* (port. *ordem*), signo polissêmico. Traça gráficos da marcha de significações na semântica evolutiva dessa palavra, do étimo original latino ao espanhol moderno. Casares também trata do problema da lematização, ou seja, a decisão técnica de escolher como entrada de um dicionário, uma ou outra forma vocabular, o que envolve controvérsias permanentes em meio aos lexicólogos sobre as *lexias* (palavras) complexas e como e quando se dá a categorização lexical de um polinômio vocabular. Esse problema é ampliado por causa da tradição caótica de muitas grafias, particularmente no caso de "locuções vocabulares". Advoga as vantagens e as virtudes de um dicionário que tivesse um índice de frequência do uso de cada palavra, ou de cada acepção de um vocábulo.*

UNITERMOS: Semântica; lexicografia; significado; onomasiologia; semasiologia; etimologia; acepção; ordenação das acepções; polissemia; significado figurado; verbete; étimo; frequência do uso; combinação binária; polinômio verbal; tratamento das locuções.

1. Notas diferenciais

Se é verdade o que dizíamos anteriormente¹ sobre a dificuldade de traçar linhas divisórias entre as várias disciplinas que se integram na Lingüística, parece pacífico que essa dificuldade aumenta ao tentarmos circunscrever em campos separados a lexicografia e a semântica. A semântica reivindica como matéria-prima dos seus estudos os dados que a lexicografia recolhe e ordena, e esta, por sua vez, não poderia interpretar nem valorar acertadamente esses dados, se não conhecesse as relações que entre eles vai descobrindo a semântica e as leis que conseguiu formular para explicar os processos evolutivos observados. Temos de tentar, contudo, estabelecer alguma distinção para evitar que o lexicógrafo se perca em elucubrações alheias à sua incumbência específica.

Se considerarmos na palavra, de um lado os elementos fônicos de que consta, os chamados fonemas e, de outro, os elementos formais, que passam ao domínio da gra-

* Lexicógrafo espanhol. Produziu sua obra na década de 40 e 50. É autor do *Diccionario Ideologico de la Lengua Española* e da *Introducción a la Lexicografía Moderna*, de que foram extraídos os capítulos aqui inseridos, publicados, originalmente, no anexo da *Revista de Filología Española* em 1950.

** Departamento de Letras Modernas — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19800 — Assis — SP.
1 N.T. O autor se reporta à passagem anterior do seu livro de que este artigo é um capítulo.

mática com a denominação de *morfemas*, ainda nos fica, pelo menos, um terceiro componente da palavra, que é o conceptual ou significante, chamado por alguns tratadistas modernos *semantema*. Pois bem, dentro da atual especialização dos estudos linguísticos, há um ramo que se consagra particularmente ao estudo dos semantemas: a semiologia ou *semântica*, que o Dicionário acadêmico² define como segue: “Estudo da significação das palavras”³. Ora, se compararmos esta definição com o conteúdo que o mesmo Dicionário atribui à Lexicografia, enquanto “arte de coleccionar todas as palavras de um idioma e descobrir e fixar o sentido e o emprego de cada uma delas”, veremos que, entre “estudar a significação das palavras” e “descobrir e fixar o seu sentido”, não se percebe senão uma ligeira diferença. Será, pois, conveniente, para torná-la palpável, aprofundar mais os conceitos respectivos.

A primeira distinção que surge, partindo das definições citadas, é a seguinte: a lexicografia é uma “arte”; a semântica, tal como a formulou Bréal, inventor desta denominação, é uma “ciência”. Os problemas que hoje são objeto desta ciência e que já se tinham colocado antes, de outra forma ou agrupados sob outros nomes, foram evoluindo, desde princípios deste século, para uma complexidade cada vez maior. Já não se trata simplesmente de descobrir, cotejar e classificar os fenômenos que se observam nas mudanças de significação, com o fim de buscar as causas que as motivaram e, inferir de tudo isso certas leis; pretende-se, porém, atacar o problema primário, de notório caráter filosófico, referente às relações entre o signo e o significado, entre a palavra e a sua correspondência na mente. E já nesta altura mais propriamente poderíamos dizer “nesta profundidade” — é necessário indagar o que é a palavra e qual é a sua representação correlativa no espírito do indivíduo.

2. A palavra e o “sintagma”.

Para não repetir aqui o que já foi tratado por extenso em outro lugar⁴, bastará recordar que os mais insignes gramáticos não conseguiram jamais pôr-se de acordo sobre uma definição do conceito de *palavra*. As teorias mais modernas sustentam que a palavra é um corte arbitrário praticado na frase, e consideram-na como a última unidade indivisível do sistema expressivo que chamamos linguagem. Assim que fragmentarmos uma oração para dela extrair uma palavra que nela estava inserida, a fim de colocar esse vocábulo na mesa de dissecação, comprovamos que lhe falta vitalidade e que se converteu numa peça anatômica tão inerte como uma víscera separada do corpo. É claro que podemos transplantar essa palavra para outra frase onde voltará a cobrar vida, mas nunca será a mesma vida em cada uma das combinações em que entre. Não se trata só do caso em que um vocábulo tem diversas acepções bem delimitadas. A palavra *direção* se usa com significados diferentes em cada uma das seguintes frases: “quando o carro tomou uma curva, quebrou a *direção*”; “Ocorreu um incêndio na *Direção* da Segurança”; “os pinhões da engrenagem giram em *direção* oposta”; “o chefe mais antigo tomou (para si) o cargo da *direção* da empresa” etc. Exemplos deste teor podem multiplicar-se até a saciedade; mas não ilustram convenientemente a tese. Interessar-nos-ia, pois, procurar um caso em que a palavra transplantada tivesse uma só acepção

2 N.T. Trata-se do *Dicionário de la Lengua Española*, da Real Academia Española, editado pela Espasa-Calpe, S.A. com várias edições (a 19a. é de 1983). Há ainda o *Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española*, também da Real Academia Española, que é, ao mesmo tempo, um resumo e um suplemento do anterior. Faz-se necessário lembrar que estes dois Dicionários, sendo o resultado das pesquisas constantes dos académicos espanhóis, gozam de prestígio absoluto. Todas as vezes que aparecer o termo *Diccionario*, sem especificações, o autor refere-se ao *Dicc. de la Lengua Española*.

3 N.T. Note-se que isto se escrevia antes de 1950.

4 V. meu *Nuevo concepto del Dicionario...*, pág. 218.

e, na falta de outro exemplo melhor, vamos tentar a demonstração com o vocábulo *mar*. Comparemos, pois, o valor diferente deste vocábulo, na boca de um mesmo falante, segundo ele diga: “Prefiro o peixe de *mar* ao de rio”; ou “há muito *mar* para se pescar”; “vive num *mar* de rosas”; ou “sua vida é um *mar* de paixões”; ou ainda “de *mar a mar*”. Na primeira oração, “*mar*” é só o meio em que vivem os peixes, um ambiente de água salgada, sem dimensões, contornos ou movimentos; na segunda, *há muito mar*, predomina a idéia de uma massa líquida agitada com dinamismo perigoso; na terceira, *mar de rosas*, não há água nem movimento, nem cor, nem nada que não seja uma noção abstrata de *período de felicidade*; na quarta *mar de paixões*, a idéia preponderante é a de abismo (moral); finalmente, a última, de *mar a mar* só evoca na mente a expressão de *ponta a ponta*. Não se poderia dizer que a palavra *mar* assume, por si só, tão variadas significações, nem cabe pensar que tais significações residam numa ou noutra das palavras que acompanham *mar*. Os últimos três exemplos pouco ou nada têm a ver com o significado de *mar* (massa de águas salgadas), constituem, porém, expressões idiomáticas. A estes conglomerados, onde as palavras se fundem num bloco significante e se influenciam reciprocamente, daremos o nome de “sintagmas”.

Não esqueçamos que este tecnicismo *sintagma*, além do significado exposto, tem outros na lingüística moderna; e são, por certo, tantos e tão contraditórios que quase o tornam imprestável. Diremos somente, a título de exemplo, que quando Von Pirquet, para denominar certos fenômenos semelhantes à anafilaxia, inventou a palavra *alergia*; foi esta tão bem recebida pelos técnicos que até se difundiu na linguagem usual e reclamou um lugar no dicionário de tipo geral. Ao cabo de trinta e cinco anos “alergia” chegou a significar tantas coisas que começa a resultar inservível. Tanto é assim que o Dr. Marañón nos dizia recentemente que a entrada dessa palavra no Dicionário acadêmico já não se justificava. Conste, pois, para evitar equívocos, que o termo “sintagma” só terá, a seguir, o significado que acabamos de dar-lhe.

3. Flutuação das relações entre signo e significado.

Vemos, pois, que no mecanismo da linguagem não existe uma correlação e-s-t-á-v-e-l e de termos unívocos entre signo e significado, isto é, entre a palavra falada ou a escrita e o conceito que essa palavra evoca. Essa correlação, que se dá no signo natural (a fumaça em relação ao fogo) e no signo convencional (a cor vermelha como símbolo do perigo), não se dá, em troca, no signo verbal, salvo em casos excepcionais, como *binômio*, *hipófise* ou *gasolina*; de onde resulta que a palavra, isolada do sintagma ou da frase, se oferece como um núcleo de p-o-s-s-i-b-i-l-i-d-a-d-e-s s-i-g-n-i-f-i-c-a-n-t-e-s que, por certo, não são sempre as mesmas para todos os membros da respectiva comunidade lingüística. A representação mental que evoca, por exemplo, a palavra *marisma* (*mangue* em português) não será nunca igual para as pessoas de terra firme como para aquelas que vivem junto a um terreno desse tipo.

Uma vez evidenciada a instabilidade da relação e a variabilidade dos dois elementos que a formam, concluiu-se que, para estudar as mutações semânticas e investigar as causas a que obedecem, seria necessário considerar paralelamente à evolução do signo e à evolução do significado, analisando em cada caso a intervenção do indivíduo, consciente ou inconsciente, as relações afetivas ou emocionais que, transcendendo a comu-

5 N.T. As frases originais são as seguintes: “Prefiero el pescado de *maral* de rio”; “hay mucha *mar* para salir de pesca”; “me ha felicitado la *mar* de gente”, e “venia la novia hecha um brazo de *mar*”. Os exemplos “*mar de rosas*”; “*mar de paixões*” e “*de mar a mar*” aparecem no Dicionário Aurélio e foram adaptados pela tradutora.

nidade, dão lugar a valorações antonomásticas, pejorativas, depreciativas etc., e à ação de fatores sociais, culturais e até políticos, cuja concomitância é decisiva em determinados fenômenos. Um caso de influência política nas mudanças de denominação é a que se operou em nossos dias relativamente ao antigo e vernáculo *jornaleiro*, ou seja, a pessoa que faz um trabalho manual mediante um estipêndio diário. Apenas iniciado na Espanha o movimento socialista, o *jornaleiro* converteu-se em *operário*. A Constituição de 1931 definiu-o como *trabalhador* e o regime triunfante na guerra civil em 1936 proscreeu todos os nomes anteriores para deixar como único vigente o de *produtor*. Compare-se noutra ordem de idéias a série de eufemismos com que sucessivamente se designa uma coisa ignóbil, anulando cada termo o anterior tão logo este comece a solidarizar-se demasiadamente com a coisa representada⁶. Outras vezes é a própria coisa que, sem mudar de função, se transforma materialmente, como ocorreu com *pena*, desde a originária da ave, que era verdadeiramente uma “pena”, até a caneta-tinteiro mais recente, e a chamada “esferográfica”, que nem ao menos conserva a peninha metálica⁷.

Em conseqüência destas novas orientações, a semântica diversifica-se e vão aparecendo importantes divisões novas, como a que primeiro se chamou “lexicografia comparada” (Tappolet, 1895) e depois tomou o nome de “onomasiologia” (Zauner, 1903). Esta disciplina, partindo de uma coisa determinada, de um objeto ou de uma noção, propõe-se estudar comparativamente os caminhos que essa coisa seguiu até corporizar-se numa palavra, e pretende reconstruir o processo intelectual e imaginativo que determinou tal corporificação. Com propósito semelhante tornou-se comum o uso de grupos homogêneos de noções (partes do corpo, relações de parentesco, hierarquias militares, nomes de números etc.), supondo-se que, dentro de cada grupo, era de esperar que as mudanças de significação se produziriam com freqüência e apresentariam certos caracteres comuns (hipótese dos campos semânticos, *Bedeutungsfelder*). Por outro lado, a psicologia moderna, especialmente a psicologia coletiva e social (Wundt), aplicou-se ao estudo da semântica para pôr as conquistas desta ciência a serviço de determinadas teorias, abrindo deste modo aos filólogos múltiplos e fecundos horizontes...

Nada mais fizemos do que olhar de perto alguns ângulos do amplíssimo domínio que a semântica abrange atualmente; porém, bastará esta abordagem rápida para compreendermos a enorme complexidade dos problemas com que se foi enriquecendo esta ciência, que algumas vezes pretende manter-se apoiada na lingüística e, outras, interna-se pelo terreno da filosofia ou da história da cultura, sem que faltem escolas híbridas nem tentativas mais ou menos engenhosas para reduzir a heterogeneidade dos fenômenos semânticos a uma só lei geral. E também bastarão as suscintas indicações, que precedem, para advertir o lexicógrafo do perigo a que se exporia se, em vez de concentrar-se em comprovar e relacionar as mudanças de significado com que se depara, se excedesse em inquirir as causas de tais mudanças partindo desses postulados que pomposamente se chamam “leis”, tais como a de especialização, a de repartição, a de irradiação, a de diferenciação, a de eliminação do supérfluo, a do desgaste e tantas outras que só alcançam efêmera vigência. Tudo isto significa que, quando o lexicógrafo se defronta com os fenômenos semânticos não deve ir além de determinar as diferentes acepções que de fato concorrem no vocábulo e de estabelecer, quando for possível, a relação em que estão umas com as outras. E já é suficiente.

⁶ *Divertimientos filológicos*, pág. 297.

⁷ N.T. Em espanhol denominam-se todos esses objetos com a palavra “pluma” = pena.

4. Reconstituição de significados para relacioná-los com a etimologia.

Já é suficiente, pois esse trabalho deverá começar muitas vezes dentro dos parênteses que, nos verbetes dos dicionários, estão reservados para a etimologia; em outras palavras, o lexicógrafo terá de realizar a tarefa etimológica antes de proceder ao estudo e coordenação das acepções que o étimo tenha desenvolvido numa língua determinada. E aqui tem outra vez aplicação a advertência de Menéndez Pidal, que já recordamos anteriormente: “Quando a relação entre a etimologia e o termo derivado é obscura por se terem perdido acepções intermediárias, é necessário precisar essas acepções”.

Vejamos um exemplo concreto. No linguajar familiar dá-se o nome de *pagão*⁸ ao que paga dinheiro, culpas ou outra coisa, quando era outro quem normalmente deveria pagar. Se consultarmos o Dicionário acadêmico observaremos que atribui ao vocábulo *pagão* três acepções: a primeira aplica-se aos idólatras e politeístas; a segunda, por extensão, a todo infiel não batizado; e a terceira é a familiar que já mencionamos ao princípio. Se quisermos saber a origem desta (acepção), o Dicionário limita-se a dizer-nos que deriva do latim *paganus*, sem acrescentar o que isto significa, com o qual se nos induziu em erro. O leitor leigo sente que esse “pagão”, que paga, guarda relação com o verbo “pagar” como “escrivão” com “escrever”, porém estaria enganado se acreditasse que se trata de uma derivação normal, porque na língua espanhola as formas em *-ano* não derivam diretamente dos verbos, mas dos nomes, adjetivos ou advérbios.

O “*escribano*” do espanhol supõe um *escribanus* do latim. A esta altura o leitor continua perguntando-se o que significa esse *paganus* da etimologia. E se lhe dizem que equivale a “camponês” ou habitante de um “pago” rural, ainda assim não consegue explicar de onde saem os idólatras e politeístas ou os infiéis não-batizados. Convém, pois, que se explique que, quando o Cristianismo se apropriou das cidades, a idolatria refugiou-se durante algum tempo nas aldeias, e que por esta razão o nome de aldeão (*pagão*) resultou equivalente a *não-cristão*. Outro exemplo moderno acabará de ilustrar este ponto. Se num dicionário estrangeiro se define a expressão *quinta-coluna*, que já goza de difusão universal, e se acrescenta como único esclarecimento que procede do espanhol, o leitor não aprenderá nada. Por que “quinta” ou “sexta”? É preciso fazer referência ao momento histórico em que, organizadas militarmente “quatro colunas” para a tomada de Madri no ano de 1936, designou-se com o nome de “quinta” a que, dentro da capital, poderia formar-se com os partidários do exército atacante. Daí que se chame quinta-coluna ao conjunto de cidadãos de qualquer país que, dentro dele, favorecem desígnios estrangeiros. Poderíamos dizer que tudo isto é semântica, e não serei eu quem o contradiga; o que me interessa advertir é que se trata de uma semântica aplicada, ou seja, concebida como meio e não como fim de uma semântica posta egoisticamente a serviço do lexicógrafo. E esta é a que nos vai servir para orientar-nos no dedalo de problemas que nos esperam tão logo transponhmos esse parêntese em que se encerra a etimologia.

5. Conceito de “acepção”.

Dissemos que a palavra isolada, que é como se apresenta ao lexicógrafo, é um nú-

⁸ N.T. Cf. Dicionário Aurélio: Pagão (de pagar) = Pagante. (Gíria). No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Antonio Moraes da Silva aparece: “Pagão”, *adj. e s.m. (de pagar). Que ou que paga; a pessoa que corre com as despesas. Cf. Antenor Nascentes, A Gíria Brasileira*”. Aqui, encontramos: “Pagão, s.m. A pessoa que corre com as despesas: O oferecimento é feito pelo pagão, cristo, sofredor, isto é, a pessoa que faz a despesa. (J. Calasans, *Cachaça, moça-branca*, 17)”.

cleo de possibilidades significantes quase ilimitadas; há algumas, porém, que se realizam com freqüência e se repetem com o mesmo valor em frases ou combinações diversas, até o ponto de se individualizarem. A palavra *ordem*, contém como substrato básico conceptual a idéia de uma “certa disposição de várias coisas no espaço”; v.gr.; “pôr em ordem os livros de uma biblioteca”. Pois bem, essa “certa disposição de várias coisas”, considerada em relação aos elementos arquitetônicos e ornamentais de um edifício, foi a causa de que uma das possibilidades significantes do vocábulo “ordem” se tenha realizado e consolidado com uma equivalência unívoca, como se vê nas combinações “ordem coríntia”, “ordem dórica”, “ordem composta” etc. Já não se trata de uma ordem qualquer, mas de um conceito específico que enriqueceu a palavra *ordem* com um significado novo. Essa mesma palavra, tornamos a encontrá-la em outra série, própria desta vez da terminologia militar: “ordem aberta”, “ordem fechada”, “ordem de parada”, “ordem de batalha”, e já temos outro sentido especial do vocábulo.

Cada um destes sentidos especiais ou gerais é o que em lexicografia constitui uma *acepção*.

Se as quatro ou cinco mil palavras usadas por uma pessoa culta não tivessem que expressar mais que outras tantas idéias, não seria necessário que os vocábulos fossem plurivalentes. A *polissemia*, isto é, a concorrência de significados diversos num mesmo signo verbal, é consequência inevitável da desproporção que existe entre o número destes signos e a enorme quantidade de noções que buscam expressão na linguagem. O lexicógrafo, portanto, deve ter presente sempre a possibilidade de que o vocábulo submetido à sua análise se decomponha em várias acepções, que requerem tratamento especial, e que serão muitas ou poucas conforme o vocábulo de que se trate e conforme também o critério subjetivo do lexicógrafo.

6. Dificuldades que apresenta a separação de acepções.

Se examinarmos em vários dicionários modernos um verbete cujo conteúdo conceptual é substancialmente o mesmo nas principais línguas cultas, observaremos notáveis diferenças no tocante à divisão da matéria. O verbete *centro*, por exemplo, descontados os americanismos, tem no Dicionário acadêmico onze acepções; no Dicionário Histórico abandonado, dezoito; no Dicionário de Oxford⁹ vemos dezoito seções principais que, com as subdivisões internas, dão lugar a vinte e cinco itens, enquanto o *Dictionnaire Général*¹⁰ se contenta com quatro. A palavra lugar (fr. *lieu*) tem vinte e cinco parágrafos no grande *Dicionário de Littré*¹¹, e 172 (!!) na 5.^a edição do *Vocabulário da Crusca*¹² (it. *luogo*). Grande é a discrepância; e embora se tenha que atribuí-la, em boa parte, à diversidade de propósito e à diferente extensão das obras, é ainda mais importante a diferença de critério adotado, porque num caso se analisa até a sutileza os diferentes matizes conceptuais e, no outro, separam-se apenas as concepções que razoavelmente não poderiam fundir-se.

Qual destes critérios extremos será preferível é coisa que não se pode decidir com argumentos e que depende em grande medida do material com que se trabalha e da concepção pessoal dos redatores. Desde logo é preciso convir em que a bifurcação em

9 N.T. refere-se ao *The Oxford English Dictionary* (1.^a ed.: 1884-1928).

10 N.T. Trata-se do *Dictionnaire Général de la Langue Française*. Du commencement du XVII^e e. siècle jusqu'a nos jours. Paris, Librairie Ch. Delagrave, 1905. A impressão foi iniciada em novembro de 1888). 2 vol.

11 N.T. Refere-se ao *Dictionnaire de la Langue Française*, Paris, Hachette, 1863-1872, 5 vols.

12 N.T. A primeira edição do “*Vocabulário della Crusca*” é de 1612 em 6 tomos. Trata-se do mais antigo dicionário do italiano, elaborado pela *Accademia della Crusca*, Florença.

itens, subitens e infra-itens, levada até às últimas conseqüências, prejudica notavelmente a perspectiva de conjunto, embora contribua, por outra parte, para explicar a genealogia de cada uma das acepções. A excessiva condensação, pelo contrário, tem o inconveniente, sobretudo para um dicionário com citações, de obrigar a prescindir de muitas delas, às vezes preciosas, sob pena de juntá-las indistintamente em detrimento de sua eficácia ilustrativa, além de que não permite observar a fase em que se acha o processo de especialização das acepções recentes. Não é factível, pois, estabelecer uma regra aplicável às múltiplas contingências previsíveis razão pela qual devemos dar-nos por satisfeitos se encontrarmos algumas fórmulas empíricas que nos assinalem uma orientação geral. E vamos pedi-las à semântica.

A discussão empreendida por Steinthal e Hermann Paul sobre a existência ou inexistência de palavras com mais de um significado carece praticamente de interesse para o redator de um Dicionário, quando se trata de línguas modernas. Remontando-se mais atrás é possível conjecturar que, num momento determinado, o latim *arcus* só significasse o arco para lançar flechas, e que a curvatura da vara flexível retesada sugerisse a idéia de chamar do mesmo modo a construção arquitetônica de figura curva (arco de ponte, de aqueduto etc.); mas o lexicógrafo que trabalha com uma língua neolatina se encontra com o étimo de duplo significado e não pode prescindir deste fato ao fazer sua composição de lugar. No caso de *musculus* (dim. de *mus*, “rato”) a primeira idéia pode ter sido a do animal, transposta logo às massas carnosas do corpo vivo que se movem sob a pele. Todavia, tudo nos induz a pensar que o latim *lacertus* se aplicou primitivamente a determinados músculos do braço e que a ampliação de significado para designar o “lagarto” operou-se no sentido inverso à proposta para *musculus*, ou seja, do músculo ao réptil. O diminutivo *musculus* não deixou na sua descendência castelhana nenhum indício do “rato”; mas o positivo *mus (-ris)* deu-nos o diminutivo “*murecillo*” em que convivem a acepção de “rato pequeno” e a de “músculo” (esse “*murecillo*” é o atual “*morcillo*” com que as cozinheiras e os açougueiros designam certa parte das reses). Nos casos de *arcus*, *lacertus*, *mus* e tantos outros, a semântica histórica pode colocar-se o problema de indagar qual dos significados que conviveram em cada palavra foi o originário e por que caminho deu este nascimento ao outro. O redator de um dicionário castelhano só tem que se perguntar se passaram a esta língua ambos os significados para relacioná-los com o étimo e proceder em conseqüência.

A solução não é tão expedita quando o desdobramento do significado se produz na língua herdada. As dificuldades crescem à medida que se aproxima de nós a data em que o fenômeno se manifesta, e chegam ao máximo cada vez que nos achamos na presença de um processo inacabado. Quando se construiu o primeiro utensílio para obter nos instrumentos de corda, o som por fricção, esse utensílio tinha exatamente a mesma forma que os arcos de caça, salvo que em lugar da corda ou do nervo destes levava um maço de crinas. Nada mais natural que dar a esse utensílio o nome de “arco”. Tratava-se de uma ampliação ocasional de significado que, dada a propagação do objeto, sua permanência no uso e sua mudança ulterior de forma, adquiriu individualidade suficiente para constituir uma acepção. (Atualmente esse utensílio é uma varinha reforçada com uma ligeira curvatura invertida em relação ao arco de caça, isto é, com a cavidade para fora.) Este emprego “ocasional” de uma palavra, que se converte logo em emprego “usual”, é um dos procedimentos mais freqüentes para a multiplicação de acepções.

Outro processo não menos fecundo consiste na passagem de uma noção abstrata a uma concreta, entendidos estes dois termos de uma maneira diferente daquela que aparece na terminologia gramatical. Os nomes de substâncias, como “água”, são gramati-

calmente concretos. Entretanto do ponto de vista em que agora nos colocamos, “água” aparece como uma abstração de algo que tem em comum coisas tão diversas como a água salgada dos mares, a doce do rio, a destilada, as águas sulfurosas, as termais etc. Se dissermos, contudo, “água de Solares” ficam excluídas todas as demais águas possíveis: individualizamos a coisa, nós a tornamos “concreta”. A palavra *gás* inventou-se expressamente, como se sabe, para denominar certos vapores e designou logo depois toda classe de fluidos aeriformes: porém, com o passar do tempo, ocorreu que um destes fluidos chegou a ter tal importância na vida doméstica e urbana, que se converteu no *gás* por antonomásia. Hoje, quando se fala de “restrições no *gás*”, de “um fogareiro a *gás*” ou da “Companhia de *gás*” todos entendemos que se trata de certo hidrocarbureto que se obtém destilando o carvão de pedra. Esta restrição do significado, esta condensação do conceito geral numa só das infinitas espécies nele contidas, dá origem a acepções independentes que o lexicógrafo deverá registrar separadamente.

E chegamos ao ponto mais difícil. A transição do emprego ocasional ao emprego usual, ou seja, desde que surge a inovação deliberada ou inconsciente que modifica o sentido de uma palavra, até que prospere a compreensão e a aceitação dessa mudança por parte da comunidade, não é sempre um processo tão simples e tão claro como no caso do “arco” do violino. A consciência de uma associação de idéias repentina ou de um estado de ânimo emotivo que pede uma intensidade de expressão desacomumada, ou simplesmente para buscar um efeito cômico ou pelo desejo de distingüir-se, o falante despreza a palavra corrente que lhe vem aos lábios e, lançando mão de outra, substitui aquela por esta. Se a troca dá o resultado desejado, e quem a ouve a repete por sua conta com êxito semelhante, rapidamente a palavra em questão se terá enriquecido com uma nova acepção.

Às vezes, o caminho percorrido desde o significado inicial até o derivado coloca os dois em situação diametralmente oposta. Disto oferecem exemplos abundantes os qualificativos com os quais se pretende expressar excelência ou admiração em grau superlativo. Todos eles, até os mais hiperbólicos desgastam-se em pouco tempo. Assim, quando *soberbo*, *magnífico*, *portentoso*, *prodigioso*, *maravilhoso* etc., começam a parecer formas pálidas e mornas em relação à veemência do que fala, surgem *estupendo*, *bárbaro* ou “bestial”: “Fulano possui um talento “bestial”. A expressão não pode ser mais disparatada, já que a bestialidade é o mais contrário possível a talento e contudo, todos interpretamos essa frase exatamente no sentido em que a propôs o seu autor. Chegará a tomar *bestial* o significado de “excelente”, “insuperável em sua linha”? Estamos diante de um processo inacabado e seria anticientífico predizer o seu fracasso, uma vez que outros processos não menos absurdos se consumaram e consolidaram. *Formidável*, etimologicamente, é o que “causa espanto”, o que “inspira terror”. Os monstros do Apocalipse são propriamente *formidáveis*. Porém, se um espectador, subjugado, atraído ou possuído pela arte ou pela beleza de uma estrela de cinema, ou por ambas as coisas, qualifica-a de “formidável” sabemos bem que estão muito longe de sua imaginação os sentimentos deprimentes que acompanham o conceito de medo. A nova significação não só se emancipou da antiga mas também, até certo ponto, a eclipsou. A passagem tinha desta vez a seu favor uma acepção recolhida no Dicionário, que diz assim: “Excessivamente grande na sua linha,” A noção de grandiosidade, de algo extraordinário, já tinha vencido a noção de temor.

É curioso observar a este respeito que o caso de *formidável* não parece, pelo menos em espanhol, um fenômeno isolado e casual, mas a conseqüência de uma polaridade mental com algumas raízes psicológicas; porque tão logo como *formidável* relegou à penumbra o seu sentido de “terrorífico”, surgiu na linguagem familiar uma locução

que reproduz com todo o seu vigor esse sentido para expressar a admiração ilimitada. — Fulana é tão linda como dizem’?', pergunta um, e o outro responde: — “De medo”¹³. Nos dias de hoje é impossível achar em castelhano uma fórmula expressiva que supere este encômio.

Numa outra ordem de idéias, compare-se a evolução de “miserável” (do latim miserabilis), “o que é digno de compaixão”, até chegar a “perverso”, “abjeto”, “canalha” (Dicionário da Academia).

Se tivéssemos que assinalar todos ou, pelo menos, os principais caminhos por onde as palavras adquirem significados novos, necessitaríamos muito mais tempo que o previsto para o presente trabalho. Remetemos aos tratados de semântica; e só mencionaremos, para terminar esta exposição prévia, o caso em que o determinante absorve o conteúdo do determinado e o elimina como coisa supérflua.

Na expressão “navio encouraçado”, o determinante, que aportava tão-somente a noção de “couraça” absorveu logo a de “navio”, e quando hoje se fala de um *encouraçado* entende-se, sem mais, que se trata de um navio de guerra de armamento especial, uma de cujas características, que comparte com outros navios, é a sua forte blindagem. O mesmo aconteceu com *vapor*, que já não é somente o fluído aeriforme cuja pressão se utiliza como força motriz, mas também o “barco” movido desta maneira.

Estes dois casos são bem conhecidos porque se produziram quase ao mesmo tempo em várias línguas modernas; porém, não consta que fora da Espanha a palavra *vapor* tenha tomado a significação de “ferrovia”. Antes de que se começasse a usar este último vocábulo dizia-se “caminho de ferro (calco do francês *chemin de fer*) de vapor”; mas como tal denominação resultava imprópria e muito longa abreviou-se para *vapor*. Por ocasião do centenário da nossa primeira estrada de ferro¹⁴, que se comemora nestes dias, o musicólogo José Subirá ofereceu-nos numa interessante conferência várias partes de obras musicais, contemporâneas da introdução desse meio de transporte, entre as quais figura uma canção intitulada “Rede de Amores”, música do maestro Espín Guillén e letra de R. Larrañaga, onde figura a seguinte estrofe:

Yo soy mosita muy fiera
y tan neta en el querer,
que tras mi chairo corriera
más que el *vapor* de Aranjuez¹⁵.

E no diário madrilenho *La Nación*, pela mesma data, dava-se a notícia do atropelamento de uma pessoa pelo trem, sob a epígrafe: “*Vítima do Vapor*”.

O interessante deste caso é a rapidez com que se operou a condensação de “ferrovia a vapor” em *vapor*, enquanto que a de “navio a vapor” não se registra senão até quase um século depois de tais navios estarem à vista de todo mundo nos portos.

7. Possibilidade de orientação através de algumas normas empíricas.

Aprofundarmo-nos nestas considerações seria o mesmo que entrar de cheio no

13 N.T. Em português diríamos: — “É linda de morrer”.

14 N.T. A primeira estrada de ferro espanhola, ligando Madrid a Barcelona, foi inaugurada no dia 24 de outubro de 1848.

A presente obra foi publicada em 1950; deve ter sido escrita um ou dois anos antes, ou seja, na época do centenário.

15 N.T. Eu sou “mocinha” muito fogosa/e tão firme no meu amor./que atrás de meu “perfume” correria/mais que o trem de Aranjuez. As formas “mocinha” e “perfume” são hipotéticas, já que os originais “mosita” e “chairo” não aparecem nos dicionários.

domínio da semântica especulativa quando o que procuramos são pontos de referência para o mister lexicográfico. Resumiremos, pois, os ensinamentos deste capítulo nas seguintes recomendações:

- 1.º) Quando um vocábulo teve na língua de origem duas ou mais acepções e estas, com maior ou menor vitalidade, passaram para a língua herdeira — no nosso caso a espanhola - deverão anotar-se nesta as várias acepções com a conveniente separação. E isto não só pelas razões antes apontadas mas também pensando na respectiva progênie de cada um dos significados. Em espanhol o verbo *ampollar* (port. *empolar*) (levantar ampolas na pele) procede de *ampolla* (port. *empola*) = bexiga, bolha; *ampolleta* (port. *ampulheta*) (relógio de areia) deriva-se da *ampolla* (port. *ampola*) = vasilha; *ampuloso* (port. *empolado*) (usado por Valdés no *Diálogo de la lengua*) nasce provavelmente através do francês *ampoulé de ampulla* (port. *empola*) = expressão inchada.
- 2.º) Quando um vocábulo de grande extensão lógica dá lugar a um significado de extensão mínima e de grande compreensão, tal significado deve ser definido como acepção independente. Sob a denominação genérica de *hierba* ou *yerba* (*erva*) entram espécies de número incontáveis; porém na América do Sul a “*hierba*” (pronunciado “*yerba*”) (= erva), é uma espécie única: a erva mate ou chá do Paraguai. (A este exemplo pode-se acrescentar o de “*gás*”, utilizado mais acima).
- 3.º) Quando um emprego *ocasional* passou a ser *usual* deverá registrar-se tal emprego como acepção à parte. Uma “*perra*” (cachorra) foi durante longo tempo uma moeda de níquel (de 5 ou 10 centavos), que devia esta denominação familiar à interpretação burlesca do leão rampante que aparecia no anverso. Esta acepção de “*perra*” (cachorra, cadela) está a caminho de extinguir-se por ter desaparecido da circulação a moeda de cobre a que dava nome; porém, viveu longo tempo, teve derivações como “*perrona*” (“*perra grande*”) e figura no Dicionário desde 1914. No ano de 1925 cunharam-se pela primeira vez moedas de uma mistura de cobre e níquel que valiam 25 centavos e ostentavam no anverso uma caravela. Não se sabia como designá-las até que alguém sugeriu — reproduzindo o processo das “*perras*” — que se chamassem *caravelas*¹⁶. Logo deixaram de cunhar-se tais moedas e o lexicógrafo deve perguntar-se hoje se o emprego “*ocasional*” de *caravela* chegou a ter estado literário ou se alcançou difusão suficiente para merecer a consideração de “*usual*”.
- 4.º) Uma questão particularmente delicada é a que nós coloca o uso figurado dos vocábulos. Examinemos o texto seguinte: “A obra de Spengler sugere todo um universo de idéias”. Esse *universo* tem o mesmo sentido metafórico de muitos outros termos com que normalmente expressamos e encarecemos a idéia de “abundância”; por ex: “um *mundo* de coisas”, “um *dilúvio* de petições”, “um *enxame* de pretendentes”, etc. Posto que “*mundo*”, “*dilúvio*” e “*enxame*” têm já no Dicionário outras tantas acepções especiais com a equivalência comum de “*multidão* de pessoas ou coisas”, poderemos aplicar a *universo* a sua? E se nos parece que não tem direito à ela, em que fundamentaremos a negativa? A única acepção de “*universo*” (como substantivo) que figura no Dicionário é uma simples remissão a “*mundo*”, o que estabelece uma perfeita igualdade entre esses

16 Se não me engano foi Wenceslao Fernández Flórez quem propôs, humoristicamente, a denominação de *caravela*, que, em pouco tempo, degenerou em *caravana* entre as classes populares.
N.T. No Brasil é comum chamar-se a nota de Cr\$ 1.000,00 de *barão* porque reproduz a imagem do Barão de Rio Branco no seu anverso.

conceitos. Por este lado, portanto, não se vê uma distinção que justifique tratamento diferente; porém, creio que a encontraremos se nos permitirmos utilizar como pedra de toque um postulado concebido assim: *Quando a correta compreensão de um vocábulo empregado com valor metafórico, exige que o ouvinte se refira ao significado correto para voltar deste ao figurado, deve inferir-se que se trata de um emprego ocasional do vocábulo e não de uma nova acepção.* Ou seja, que se para entendermos corretamente a expressão “um enxame de pretendentes” começamos por evocar a imagem de umas abelhas amontoadas para tirarmos daí a idéia de “multidão”, este rodeio constitui a prova de que “enxame” não tem na realidade mais do que uma acepção, e vice-versa. Repetindo a experiência com as palavras “universo” e “mundo” observaremos que esta última se emancipou, faz tempo, do veículo que a ligava ao conceito fundamental de “cosmos”, em conseqüência, entre outras coisas, do seu emprego freqüente em sintagmas tais como “meio mundo sabia isso”, “oferecem-lhe este mundo e o outro”, “todo mundo está contra ele”, etc. *Universo*, pelo contrário, é palavra erudita e, portanto, pouco propícia para formar parte de modismos e frases feitas. Por isso, o seu emprego esporádico em sentido figurado é, hoje em dia, uma simples figura de retórica e não constitui acepção especial.

- 5.º) Nos casos de enriquecimento do determinante a expensas do determinado (*navio encouraçado* = *encouraçado*, subst.) importa comprovar se o processo semântico está efetivamente consumado, já que, a não ser assim, a nova acepção resultaria falsa. No jogo de bisca pratica-se uma variedade caracterizada porque nela é obrigatório seguir a carta jogada. O lance “arrasta” e os outros devem seguir o naipe ou pôr trunfo. Daí que esse tipo de bisca se chame “arrastada”. Outra variedade deste jogo é a bisca “sueca”¹⁷, que se joga entre quatro parceiros distribuindo-se dez cartas a cada um. Ora, o adjetivo “sueca” conseguiu substantivar-se, incorporando o significado de bisca, e atualmente, não só na conversa familiar, mas até nos textos literários, fala-se de “jogar uma partida de *sueca*”, porém não sucede o mesmo com *arrastada*, apesar de que esta classe de bisca tem no uso uma vida muito mais longa do que a “sueca”. Um caso semelhante ocorre com a denominação dos trens. Não estamos menos familiarizados com o “tren de pasajeros” do que com o “tren de mercancías”¹⁸ e, contudo, dizemos “um mercancías”¹⁹ e não dizemos, “un pasajeros”. Por isso, falta no Dicionário espanhol uma acepção do artigo “mercancía”: “m.pl. Tren de mercancías”. A estas contradições aparentes não falta uma explicação razoável, mas renunciemos entrar nela para não nos alongarmos demais.

As precedentes recomendações que não são certamente as únicas que poderiam formular-se, não se devem tomar como normas dogmáticas que pretendem resolver “a priori” problemas tão heterogêneos e complicados, como os que apresenta na prática a divisão de um verbete em mais ou menos acepções. Somente podem servir em alguns casos para indicar um rumo aproximado com o fim de evitar que o coeficiente subjetivo, inevitável nestas operações, arraste o lexicógrafo para o escolho da condensação excessiva ou para o outro, não menos perigoso, do desmembramento exagerado.

17 N.T. Tipo descrito no Dicionário Cladas Aulete e que se adapta perfeitamente ao caso de enriquecimento do determinante a expensas do determinado, citado por J. Casares. No original aparece o “*o tute subastado*” (bisca leiloadada), cuja equivalência em português não foi encontrada.

18 N.T. Em português, “trem de carga”.

19 N.T. “Un mercancías” (do esp.) = um trem de carga (em port.)

8. Ordenação das acepções.

Feita esta ressalva, vamos supor que as diferentes acepções de um verbete já estejam convenientemente delimitadas e providas de sua definição correspondente. Já nos poderemos despedir da semântica? De modo nenhum; temos de recorrer a ela para que nos ajude a ordenar convenientemente essas acepções, que às vezes se aproximam de uma centena. Não vamos perder tempo explicando em que se diferenciam, teoricamente, os principais critérios aplicáveis à ordenação de acepções, critérios que se costumam chamar *empírico, genético, lógico e histórico*. Bastará, para o nosso propósito, comparar as vantagens e os inconvenientes dos dois métodos contrapostos que se vêm praticando sem exceção nos dicionários mais importantes da época moderna²⁰.

A Academia Espanhola ateve-se sempre à regra seguinte: “Em cada verbete vão colocadas por esta ordem as diversas acepções dos vocábulos: primeiro as de uso vulgar e corrente, depois as antiquadas, as familiares, as figuradas, as regionais e hispano-americanas, as de gíria e, por último, as técnicas.”²¹

Este não é o momento apropriado para descermos a pormenores, criticando certos extremos dessa ordenação ou assinalando o índice de frequência com que se infringiu o programa adotado. O que nos interessa é o sistema, e este fica bem caracterizado dizendo que nele se parte do mais conhecido, do mais atual dentro da língua comum, isto é, do “uso vulgar e corrente” para terminar com as falas particulares e com os significados específicos. Todos os Dicionários espanhóis modernos têm sido redigidos com igual critério, o qual também prevalece no Dicionário da Academia Francesa e na maioria dos estrangeiros. Este é o método que chamamos “empírico”.

Não se trata de uma antiquilha, de uma rotina que nos envergonha. Prova disso é que muitos lustros depois de ter-se posto em voga entre os lexicógrafos a idéia de considerar cada verbete do Dicionário como uma biografia do correspondente vocábulo, vemos surgir no monumental *New Standard Dictionary*, de Funk e Wagnalls (1913) esse método empírico valorizado e paladinamente defendido como segue:

“A média dos leitores vai buscar no Dicionário a significação *atual* e mais *corrente* de uma palavra²¹. O nosso propósito consistiu em proporcionar-lhes esta informação de modo fácil e seguro, sem permitir que se interpusesse nada entre a palavra e a sua significação mais conhecida e importante. Isto deixa de lado o método usual ou histórico seguido por outros lexicógrafos, que consiste em dar primeiramente a etimologia do vocábulo, depois a acepção mais próxima da origem, embora às vezes seja inusitada, e depois outras acepções, deixando para o último lugar a atual e mais corrente, *quando precisamente esta última acepção é a que mais geralmente se busca* (sublinhado no texto). O leitor médio fica, desta maneira, embaraçado e confuso. Pareceu-nos melhor não seguir determinado sistema, simplesmente porque seja lógica e filosoficamente correto, se isso contribui mais para dificultar que para facilitar a tarefa do consultor”.

9. Vantagens e inconvenientes do método usual.

Já temos aqui, frente a frente, as duas tendências antagônicas, que buscam a sua respectiva justificação: uma, em razão de utilidade prática; a outra, em consideração de ordem científica. O dicionário compilado pelo método empírico preocupa-se com a

²⁰ Na ordenação *analógica* ou por idéias tratei amplamente no *Nuevo concepto del Dicionario...* e no prólogo do meu *Diccionario Ideológico*, Barcelona, 1942.

²¹ *Introductoy*, pág. XIII

imensa maioria dos leitores a quem pouco importa a origem e a evolução semântica do vocábulo cujo significado atual é o único que desejam conhecer. O dicionário redigido com base em princípios históricos preocupa-se, pelo contrário, com o reduzido grupo de pessoas cultas que, não contentes com averiguar o significado da palavra, querem saber também o como, o quando e o porquê. Um, o empírico, limita-se a informar, a responder o que se lhe pergunta: o seu ideal é antecipar-se, adivinhar o que provavelmente buscará o leitor e servi-lo em primeiro lugar sem rodeios, sem fadiga e sem perda de tempo. O outro, o histórico, supõe no leitor uma curiosidade intelectual que, convenientemente satisfeita, ampliará a sua cultura, despertará o seu interesse pelas vicissitudes da língua que fala e proporcionar-lhe-á um conhecimento da mesma mais profundo e satisfatório. Ambos os tipos de léxico têm, pois, dos seus respectivos pontos de vista, boas razões em que se apoiar. Ora, como a nós nos interessa muito mais o rendimento científico do trabalho lexicógrafo do que o cômodo manejo dos Dicionários, não podemos passar por alto os inconvenientes do método empírico.

O primeiro consiste na ausência de uma “estatística do uso” que nos permita determinar, entre vários significados *todos usuais*, qual é verdadeiramente o *mais usual*. Fazemos uma experiência com as quatro acepções de *assunto*, que figuram nos textos seguintes:

“O *assunto* que se discute é a baixa dos alugueis” (Assunto = tema de discussão).

“Tenho nas mãos, um *assunto* que pode dar dinheiro.” (Assunto = negócio lucrativo).

“O *assunto* do filme é o mesmo da novela.” (Assunto = argumento).

“João coleciona quadros de *assunto* religioso.” (Assunto = o que se representa na obra de arte).

Escrito cada texto numa ficha, pede-se a várias pessoas, sucessivamente e em separado, que ordenem as fichas começando por aquela em que *assunto* tem hoje o significado mais usual, para terminar com a que oferece o significado menos corrente. O resultado que eu obtive com oito indivíduos de nível intelectual satisfatório, embora de diversa formação cultural, é o seguinte: o “assunto = negócio” obteve invariavelmente o primeiro posto; o “assunto” de um quadro, o último; os outros dois textos deram lugar a flutuações. Pois bem, comparando este resultado com o Dicionário acadêmico, onde por definição o significado de uso vulgar e corrente deve ser o primeiro, veremos que a acepção favorecida no texto como o número 1 é precisamente a última no Dicionário. Que prova isto? Prova aquilo que já tínhamos dado a entender: que a ordenação de acepções pelo método empírico será arbitrária na maioria dos casos. Além do mais, o que hoje possa resultar acertado, não foi ontem e certamente deixará de sê-lo amanhã, posto que as várias acepções de cada termo mantêm entre si uma luta constante para alcançar a primazia. Esse *assunto* = negócio, elegido atualmente por unanimidade para o primeiro lugar, nem sequer aparece no léxico acadêmico até 1914; enquanto o *assunto* = tema, vem figurando à cabeça do verbete desde há mais de dois séculos. Um exemplo ainda mais peregrino da contradança que o uso impõe às acepções de uma palavra, nós o acharíamos examinando as peripécias de *alferes*, palavra que percorreu toda a escala militar, desde a mais alta hierarquia até a mais baixa (cf. Almirante, *Diccionario Militar*, s.v.). De tudo isso se deduz que se os dicionários empíricos tivessem que cumprir o que prometem, teriam que publicar edições frequentes, compassadas com as mudanças e caprichos do uso, refazendo em cada uma delas os verbetes para ordenar as acepções relativamente à maior ou menor frequência com que são empregadas em cada momento histórico; e porque isto não se faz nunca em realidade, mas

acrescenta-se a acepção moderna à continuação da antiga, é por isso que esse “assunto = negócio” figura em último lugar.

É evidente, portanto, que uma obra lexicográfica, concebida com critério científico e que aspire a ter validade para várias gerações, terá de procurar outra maneira de apresentar os materiais léxicos. E essa maneira, enquanto não se medite noutra melhor, é a que tem por fundamento os princípios históricos.

1. — *Aplicação do método histórico à ordenação de acepções — Dificuldades que surgem na prática.*

Já vimos o método histórico, definido por seus opositores, como o procedimento que “consiste em dar primeiramente a etimologia do vocábulo, depois a acepção mais próxima da origem, embora seja inusitada, e depois outras acepções, deixando para o último lugar a atual e mais corrente” (1.8). Desde a posição oposta, que é a dos partidários desse método, não temos inconvenientes em aceitar essa definição se descontarmos a malícia polêmica com que se pretende insinuar que a acepção atual e corrente é a mais afastada da etimologia, coisa que acontece umas vezes sim e outras não. Porém as características, as vantagens e as dificuldades do método histórico se precisarão claramente, melhor que com discussões teóricas, quando tratemos de aplicar esse método a um caso real, como nos propomos fazer mais adiante.

Começaremos pelas dificuldades. Uma imagem que poderia servir-nos para representar o processo das evoluções semânticas, desde o ponto de vista lexicográfico, é a de uma árvore invertida, isto é, com a raiz dirigida para cima, onde está a pré-história e com o tronco e os ramos para baixo. Uma linha horizontal, símbolo da superfície do solo-linha completamente inadmissível para o lingüista e que só tem valor para o lexicógrafo —, separa a raiz, que se submerge na língua de origem, do tronco e dos ramos, que se estendem na língua herdeira. Neste esquema, arbitrariamente simplista, só se considera uma raiz e um tronco, com mais ou menos ramos. Ora há casos, e são os mais freqüentes, em que a raiz também se bifurca e dá pelos lados brotos tão vigorosos que é difícil decidir muitas vezes, a qual deles conviria melhor a denominação de tronco. É claro que se nos fosse possível contemplar o organismo vegetal na sua integridade viva, o problema de precedência dos brotos não seria insolúvel; porém, quando o que se oferece ao nosso exame são partes incompletas da planta, resulta muito difícil determinar se se trata de ramos ou brotos, em que ordem se produziram e a que distância se encontravam da raiz.

Tal distância ou afastamento pode ser de duas classes: temporal e conceptual. Supondo que tivéssemos ante os olhos a série ininterrupta dos significados que foi assumindo um signo verbal desde que apareceu no espanhol até o momento em que se redige o Dicionário, e supondo também que nessa série de significados uns derivassem dos outros formando uma cadeia semântica, teríamos um critério de ordenação que seria ao mesmo tempo lógico e genético. Depois, colocadas as acepções pela ordem cronológica das datas em que cada uma delas apareceu pela primeira vez na língua, poderia acontecer que esta ordem coincidisse com a da série genética e, ao mesmo tempo, tão objetiva e convincente que colocaria o lexicógrafo acima de qualquer discussão.

Infelizmente, este ideal é poucas vezes executável. Muitos significados, que sem dúvida existiram na fala e sem os quais não é explicável a passagem de uma acepção documentada para a imediatamente seguinte na ordem genética, desapareceram sem deixar vestígio nos textos conhecidos. A dificuldade cresce quando a raiz do nosso símile, isto é, a etimologia, está representada por vocábulos que na língua de origem têm já significados múltiplos em conseqüência de um desdobramento semântico que pode ser para-

lelo ao que logo observamos no espanhol, divergente ou desenvolvido em sentido inverso. Nestes casos não é possível pensar numa série genética única. Pode haver tantas quantas sejam as acepções do étimo transmitidas à língua herdeira, onde às vezes se cruzam ou se bifurcam, dando origem a novas séries.

Por outro lado, a ordem cronológica em que as acepções fazem a sua aparição no espanhol parece que deveria remontar-nos invariavelmente até enlaçar com a etimologia, mas esta suposição é desmentida com grande frequência. Certo vocábulo grego, que através do latim vulgar entrou com significação desfigurada no espanhol, reaparece muitos séculos depois com toda a sua pureza etimológica, ora como um cultismo ora como um termo técnico de direito, de filosofia ou de medicina. Outras vezes é a forma que se afasta do étimo para retroceder ao cabo dos anos até a origem. A palavra latina *creta* = (argila, barro branco, giz) incorpora-se ao espanhol como *greda* (= greda) e assim a vemos na *Crônica General* e no *Lapidario* de Alfonso el Sabio²², no *Fuero de Sepúlveda*²³, nos *Glossários latino-espanhóis* publicados por Américo Castro, em Nebrija²⁴, etc., até que a grafia *creta* aparece no primeiro terço do século XVII, e precisamente num texto científico: na tradução que fez Gerônimo de Huerta da *História Natural* de Plínio.

Fizemos estas observações para que não se pense que no método histórico se tem encontrado uma panacéia ou um procedimento automático que exclui todo elemento conjectural. Nem o sistema resolve todos os problemas que preocupam o lexicógrafo, nem a sua adaptação à variedade dos casos que se apresentam na prática é coisa que se possa regular de antemão mediante uma casuística geral. Assim o reconhece publicamente, depois de uma experiência de cinquenta anos, o mais rigorosamente histórico de todos os Dicionários históricos modernos: o chamado abreviadamente de *Oxford* (*The Oxford English Dictionary*), iniciado sob a direção de Dr. Murrat. A propósito de certos artigos em que a ordem genética difere abertamente da cronológica, lemos no prólogo da referida obra: “É preciso tratar cada palavra da maneira que pareça mais adequada para apresentar os fatos da sua história e do seu uso.”

2. Ensaio de aplicação deste método a um verbete do Dicionário — Etimologia do lat. *ordo*.

E agora vamos examinar o primeiro vocábulo que se nos depare, como se estivéssemos na mesa de trabalho dispostos a redigir sua biografia. Tornaremos a utilizar a palavra *orden* (= ordem) que já apareceu anteriormente.

O substantivo *ordo* (lat.), étimo indubitável de *orden* (esp.), está intimamente relacionado com o verbo depoente *ordior*, *-iri*, que significa “começar a tramar um tecido” (Walde, *Lat. Etym. Wörterbuch*). Trata-se, pois, de vocábulos procedentes da linguagem têxtil e disso ficam incontestáveis vestígios em *redordior*, “devanar” (= dobar, enovelar) (Plínio); em *exordium*, “urdidumbre y comienzo” (urdidura e começo) (Quintiliano); em *togae exorditae*, “togas empezadas a tejer” (togas começadas a tecer) (Festo), etc. Vemos aqui dois conceitos associados, “começar” e “tecer” que com o passar do tempo, iam seguir rumos divergentes. *Ordior* (ou mais propriamente *ordio*, *-ire* com o significado de “tecer”, está documentado em Sêneca e em Plínio; mais tarde em São Jerônimo e Santo Isidoro, e continua nas línguas românticas (esp. e port.: *urdir*); porém no apogeu da latinidade (Cícero, Cornélio Nepote, Virgílio, etc.),

22 N.T.: Afonso X, o Sábio — (1221 — 1284) foi rei da Espanha e destacou-se pelas suas atividades culturais.

23 N.T.: *Fuero* (compilação de Leis) de Sepúlveda: data de 1076 sob o reinado de Alfonso VII.

24 N.T.: Antonio de Nebrija (1444 — 1522), autor da primeira Gramática Castelhana (1492).

a acepção que predomina quase exclusivamente é a de *começar, empreender* (cfr. *orsa*, “empresa”, *orsus*, “começo”).

Quanto a *ordo*, embora partamos do parentesco etimológico com *ordio*, não basta isto para esclarecer seu significado primário, visto que se torna difícil estabelecer uma ponte semântica desde a idéia de “começo”, até a de “fila de coisas”, que é a primeira acepção documentada. Faz-se necessário voltar novamente ao tear. Porque *ordior* significa conjuntamente “começar” e “tecer”? Porque a textura se compõe de duas fases consecutivas correspondentes à textura e à trama. A textura, embora não o digam os Dicionários, chamou-se em espanhol a “urde”. Assim o atesta o seguinte provérbio: “Urde haya que la trama el diablo la caga” (haja urdidura, que a trama o diabo a defeca). Correas explica: “que começando as obras, põe-se diligência e remédio para terminá-las”. Aqui temos um reflexo da consciência lingüística primitiva que associava a idéia de “começo” à de “urdir”. A operação de tecer, de fato, “começa-se colocando no tear uma “série de fios” paralelos, e arremata-se atravessando e entrecruzando esses fios com outros, que é o que constitui a “trama”. Ora, nessa série de fios ainda não tramados é onde há que buscar o nascimento do vocábulo *ordo*. A conjectura não é muito arriscada porque a apoiam outros termos que também significam “série”; como “fila”, “fileira”, “fiada”, “enfiada”, etc., onde está bem patente a idéia do “fio”. O próprio vocábulo latino *series*, apesar do seu atual aspecto abstrato, teve na sua origem um sentido material como derivado de *sero, -ere*, “entrelaçar”, “trançar” (*series capillorum*).

3. Polissêmia deste Vocábulo

Se admitirmos, pois, que *ordo* designou originariamente o “conjunto” de fios paralelos que se põem na urdideira antes de serem atravessados pela trama, já não há dificuldade em passar dessa acepção hipotética para a de “fila de coisas”, abundantemente documentada. Cícero fala da fila de oliveiras que limitam em linha reta uma herdade: *Ejus fundi extremam partem oleae directo ordine definiunt*; Virgílio menciona uma embarcação com os remos dispostos em três filas: *termo consurgunt ordine remi*, etc. (Acepção α , cf. p.37).

Daí, por um processo psicológico habitual, que consiste em trasladar para a coordenada do tempo as noções originariamente espaciais, surge o conceito da seqüência, da sucessão cronológica, da série de fatos que se apresentam uns após os outros. Esta acepção (*dzeta*) consideramo-la secundária; não tem descendência própria e amiúde está implícita em outras acepções. Assim, quando as pessoas em fila (*eta*) vão chegando a certo lugar, fazem-no uma após a outra: *singuli per ordinem cum ferro cubiculum intrarunt* (Quintiliano).

E, por último, como um denominador comum a todos os conjuntos de coisas que se situam ou se sucedem guardando entre si certa relação, aparece o conceito abstrato de “ordem”, que Cícero define como segue: *ordinem sic definiunt, compositionem rerum aptis et accomodatis locis* (acep. *lambda*).

Tentemos agora historiar a descendência das duas acepções fundamentais A e B, começando pela série Aa. Entre as muitas coisas que ordinariamente se encontram formando fila, estão os assentos do circo e do teatro, de onde, pelo mecanismo ordinário da especialização, *ordo* passa a significar “fileira”, “fila”, “degrau” (“grada” no esp.) de um local de espetáculos (acep. *beta*). Ora, nem todas as fileiras (“gradas”) do circo romano estavam indistintamente ao alcance do público. Em virtude de um decreto de Augusto, existia, entre as fileiras, uma certa escala de preferência, estabelecida

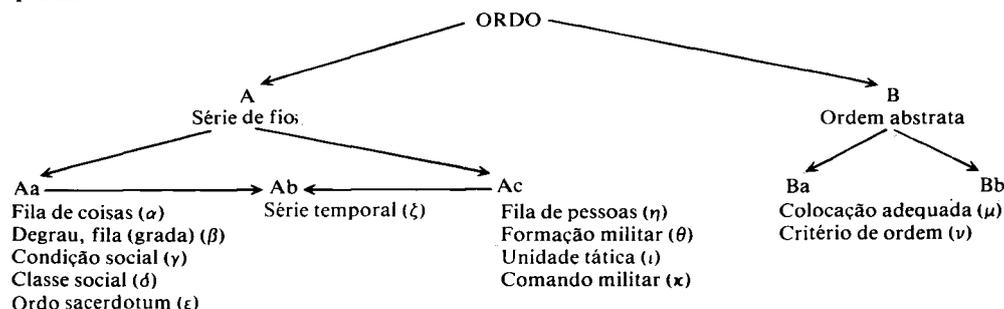
com arranjo à categoria social de quem devia ocupá-las. Havia, por exemplo, catorze fileiras destinadas exclusivamente aos senadores, e por isso, quando se dizia de alguém que se sentava em tais fileiras, *sedisti in quatuordecim ordinibus* (Cícero), era tanto como reconhecer-lhe a sua dignidade senatorial. Outras fileiras estavam reservadas para os soldados, outras para a plebe, etc., e daqui resultou um princípio de classificação hierárquica dos cidadãos e conseqüentemente uma nova acepção de *ordo* no sentido de “condição social” (acep. *gamma*). O processo abstrativo que observamos em “gradus”, desde degrau de escada, *escalarum gradus*, até “categoria hierárquica”: *In altíssimo dignitatis gradu collocati sumus*. (Cícero).

Depois, pelo fato mesmo de estarem assim hierarquizados os componentes da sociedade, as pessoas de cada grupo, consideradas em conjunto, passaram a constituir uma “classe social”, um grêmio ou um colégio: *ordo senatorius*, *equester ordo*, *ordo oratorum*, *mercatorum*, etc. (acep. *delta*). Entre estas ordens ou grêmios nos interessa distinguir, pela importância que mais adiante iria tomar, a classe dos servidores do templo, constituídos em colégios: a “ordem dos sacerdotes” (*summa collegia*); a *ordo haruspicum* e, na Vulgata, a *ordo levitarum* (acep. *epsilon*).

Chegamos até aqui, partindo das “coisas em fila”. Consideremos a fila de pessoas (acep. *eta*). Podemos imaginar as pessoas uma atrás da outra e teremos a noção de “fila” ou de séquito: *Comitum longissimus ordo* (Juvenal); ou ainda alinhadas uma ao lado da outra, como vemos na formação militar: *ordine egredi*, “sair das filas” (Salústio). Esta última maneira de dispor as pessoas em filas (acep. *teta*), que já não é circunstancial, mas que obedece a uma finalidade específica, varia, naturalmente, segundo o número e a colocação dos soldados que se agrupam, e pode ser uma coorte, uma centúria, um manipulo, etc. Tais frações de um exército tomam também o nome de *ordo* (acep. *iota*); e quando se confia a certa pessoa a direção de uma destas unidades táticas, recebe, como é natural, o “comando” dela (acep. *capa*), *ordinem accepit in legione quinta* (Inscrição).

Só nos resta por estudar a série B, “colocação respectiva de várias coisas” (acep. *lambda*). Esta colocação pode ser caprichosa, injustificada, meramente casual, ou pode fazer-se com vista à proporção e à harmonia, isto é, em “boa ordem” (acep. *mi*): *Nihil est pulchrior in omni ratione vitae dispositione atque ordine* (Columela). Esta acepção restringida de ordem pressupõe um critério de ordenação, uma norma, uma predeterminação, nascida em alguns casos, da mesma índole das coisas (leis físicas: ordem da natureza), emanada de uma vontade soberana: *Quid sumus... ordo Quis datus* (Pérsio), ou estabelecida pela razão, pela moral ou pelo costume (acep. *ni*): *extra ordinem crimina probantur* (Digesto).

Apresentadas as deduções anteriores de uma forma gráfica, dariam o seguinte esquema:



Pouco importa para o nosso propósito que o esquema genérico imaginado se ajuste mais ou menos à realidade histórica. Não nos comprometemos a resolver problemas de lexicografia latina nem dispomos para isso dos materiais que oferecerá em ocasião oportuna aos investigadores o *Thesaurus* das Academias germânicas, cujos trabalhos *se renovam felizmente nestes momentos*²⁵. O que nos interessava era apresentar um quadro sinótico das principais acepções que teve *ordo* em latim, antes de que nascessem os dialetos românicos, e identificá-las com algum signo que nos permita seguir-lhes a pista dentro de lexicografia espanhola.

4. Sua descendência em espanhol, francês, italiano e inglês.

Seria certamente muito instrutivo um estudo comparado da descendência semântica de *ordo* nas línguas românicas; porém, embora supondo que existisse — e não existe em muitos casos — toda a informação necessária, esse estudo nos desviaria demais da finalidade concreta que perseguimos. Não obstante isto, cedemos aqui e lá à tentação de expor alguns dados que ilustram a evolução do vocábulo “ordem”, tomando-os do francês, do italiano e do inglês.

Para o francês utilizou-se o Dicionário de Godefroy²⁶, o de Littré²⁷ e o *Dictionnaire Général*²⁸. Os dados referentes ao italiano procedem na sua maior parte do Dicionário de Tomaseo²⁹, que rara vez vai além de Boccaccio ou de Dante, e isto deve-se ter presente, porque o fato de que não contemos com autoridades italianas dos séculos XI ao XIV não significa que não tenham existido³⁰.

As referências ao inglês justificam-se por duas razões: a primeira é que o vocábulo que estudamos ingressou na referida língua, com toda a sua bagagem latina, quase nos mesmos dias em que aparecem os seus rebentos nos mais antigos monumentos das línguas românicas e, convertido em *order* (*ordre*, *wordre*, *ordyr*, etc.), seguiu uma evolução espantosamente paralela àquela que observamos no espanhol. Por outro lado, o Dicionário de Oxford é considerado unanimemente como o protótipo dos Dicionários históricos e contém uma informação só comparável à que oferecerá a seu tempo o *Diccionario Histórico de la Lengua Española*³¹. É esta é a segunda razão que nos moveu a ter o léxico inglês sempre à vista.

Catorze são as acepções de “ordem” que figuram no léxico oficial. Desde já podemos adiantar, sem risco, que quando os redatores do nosso primeiro *Diccionario Histórico* chegarem a desenvolver este verbete terão de triplicar, pelo menos, o número atual de acepções; porém, a fim de não complicar demais a demonstração que ora tentamos, só manejaremos escassamente umas trinta, incluídas naturalmente as do Dicionário Acadêmico, e também as agruparemos em séries semânticas, como fizemos em latim, porém marcadas agora com números romanos.

Série I.

A acepção “fila de coisas” (Aa do latim), aparece documentada em espanhol desde fins do século XIII e continua vivendo até os nossos dias. Em francês produz-se o fenômeno curioso de que *ordo* origina, ao lado da forma semiculta *ordre*, a popular

25 N.T.: Aproximadamente 1949 ou 1950.

26 N.T.

27 N.T.: Cf. (nota 11, p.76)

28 N.T.: Cf. (nota 10, p.76)

29 N.T.: Niccolo Tommaseo — *Dizionario della Lingua Italiana*, Torino, 1917.

30 Parece que a Academia da Crusca se ocupa atualmente de preparar um Dicionário italiano medieval.

31 N.T.: O autor refere-se ao *Diccionario Historico de la Lengua Española*, Madrid, publicado em 1960 pela Real Academia Española.

orne, que convive durante algum tempo com ela e adquire a acepção de que tratamos. *Orne*, como “fila de cepas”, remonta até o século XIV e subsiste ainda em alguns dialetos. O significado de “fila de coisas” registra-se em italiano por volta do último terço do século XVI, quase na mesma data do que em inglês. As citações espanholas mais antigas são as da *General Estoria*³².

Vem a seguir nesta série a sucessão no tempo. Encontramo-la em francês no século XIII (*Roman de la rose*), em espanhol por volta de 1344³³ e em inglês em 1382.

A “grada” (port. degrau, fileira) no sentido material de “fila de assentos”, figura unicamente na *Historia Imperial* de Pedro Mejía (1545)³⁴. Vemo-la também em italiano em data algo posterior.

“Ordem” com o significado translaticio de “grau”, isto é, como escalão de uma hierarquia social, achamo-la pela primeira vez no *Fuero Juzgo*³⁵. Trata-se de tomar declarações a testemunhas ausentes, as quais deverão depor diante do juiz manifestando tudo o que sabem “por ordem”. Este modo adverbial “por ordem” traduz a expressão mais explícita do texto latino *per conditionum seriem*. Cabe, portanto, pensar em um decalque, mas há autoridades dos séculos XV e XVI que não deixam lugar a dúvidas quanto à existência desta acepção. Não a vemos em francês nem em italiano, mas sim em inglês a partir de 1300.

Ao chegar aqui bifurca-se a série I. O que era condição das pessoas traslada-se às coisas, para significar a classe destas, sua qualidade, seu degrau, sua natureza; espanhol, 1520³⁶, francês, 1532; inglês, 1736.

Daqui nasce no século XVIII o uso técnico de “ordem” na língua dos naturalistas, com valor intermediário entre a classe a tribo ou a família³⁷, e depois, na técnica matemática, a “ordem” de uma curva ou de uma equação com a equivalência de “grau”.

Voltando à linha principal da série achamos a acepção de “classe social, grêmio, corporação”, etc. Documenta-se em francês desde o século XII, em inglês desde o XIV, em espanhol³⁸ e italiano desde o XVI.

Já dissemos que entre as várias “ordens” de pessoas que existiram em Roma, senadores, patricios, cavaleiros, plebeus, etc., interessavam-nos particularmente a “ordem” dos sacerdotes. Durante o primeiro período da República, os que haviam de adquirir a dignidade sacerdotal, eram admitidos por cooptação no colégio correspondente. A partir da implantação do Cristianismo, a potestade suprema para a organização da Igreja, criada pelo próprio Jesus Cristo, correspondeu aos Apóstolos. Eles nomearam como seus auxiliares os diáconos, com faculdade para administrar o batismo. Instituíram à continuação o grau dos presbíteros para as funções do culto e da administração de certos sacramentos e, por último, criaram os bispos, a quem transmitiram a plenitude da potestade apostólica. Cada uma destas delegações, que imprimia caráter sagrado a quem as recebia, efetuava-se mediante certos ritos que eram outras tantas, con-

32 “... por medio del campo delas tablas yvan tres *órdenes* de varas e desta guisa fazien-se V *órdenes* dellas”. Ed. Solalinde, pág. 442.

33 “Tal ordem dio el traydor como los descabeçasen uno a uno, en *orden* asi como nasçieron”. *Infantes de Lara*, Ed. M. Pidal, pág. 339.

34 “... los theatros... de tal manera eran obrados y hechos que por sus *órdenes* y assientos eran capacissimos de infinita gente”. Ed. 1547, f.º 62 v.

35 N.T.: “Fuero Juzgo”: compilação legislativa dada por Recesvinto e aprovada em 53/54. Feita unicamente para o serviço dos Tribunais de Justiça.

36 “... según la *orden* de las inclinaciones naturales que los hombres tienen, así es la *orden* de los preceptos de la ley natural”. — Las casas, *Apologética historia*... NB de AE, t. 13, pág. 103.

37 “... hallamos en las métodos clases, *órdenes*, tribus, legiones, cohortes y familias, de los géneros y las especies”. Clavijo. Tard. de la *Hist. Nat.* de Buffon, Ed. 1785, t. 17 pág. 228, nota.

38 “... a la *orden*, equestre, que era media entre al pueblo y los patricios, hizo (Caligula) solemnissimo combite y sala”. Pedro Mejía, loc. cit., f.º 32 r.

sagrações ou “sacramentos”. Chamava-se, pois, “ordem” (esp. “orden”) cada um dos graus da hierarquia e também se chamava “ordem” o conjunto das sucessivas ordenações com que se chegava à plena dignidade sacerdotal. A acepção correspondente aos “graus do sacerdócio” documenta-se como segue: espanhol, 1250³⁹; inglês, 1300. A de “ordem sacerdotal” aparece na França no século XI, na Espanha em 1140, na Inglaterra em 1290 e na Itália em 1556. A autoridade espanhola que alegamos, e que é por certo a mais antiga de todas as acepções de “ordem”, achamo-la no Mío Cid⁴⁰. Para chegarmos a esta conclusão, tivemos que dissentir, com todo respeito, de Menéndez Pidal, que entendeu “regla monástica” (regra monástica) onde nós lemos “ordem sacerdotal”. Trata-se da passagem (verso 2373) em que o bispo Dom Jerome se apresenta ao Cid desejoso de Matar mouros: “mi orden et mis manos querria las onorar” (minha ordem e minhas mãos, queria honrá-las). Segundo a nossa opinião, o que o bispo quer honrar, derramando sangue dos infiéis, é o caráter sagrado de que está investido e não uma “regra monástica”. Esta interpretação é confirmada pela *Crônica de Veinte Reyes*, onde o bispo diz ao Cid: “porque yo oy dezir que siempre guerreavades com mouros, por eso me vine yo de mi tierra para vos, cobdiçando lidiar con ellos; e por ende por honrar mis manos e mis *hordenes*” (porque eu ouvi dizer que vós sempre guerreáveis com os mouros, por isso vim da minha terra para junto de vós, cobiçando lutar com eles, e com o fim de honrar as minhas mãos e as minhas ordens).

A acepção de ordem sacerdotal levava implícitas, como vimos, a noção de sacramento e a de hierarquia. Transposta esta última aos espíritos angélicos, aplicou-se a cada um dos nove coros, enquanto a de sacramento, desvinculada de toda reminiscência hierárquica, pôde designar qualquer dos restantes sacramentos e especialmente o do matrimônio. A acepção de “coro dos anjos” registra-se no inglês em 1225 e no espanhol por volta de 1720⁴¹. A de “sacramento do matrimônio” aparece na França e na Espanha⁴² em meados do século XIII e na Inglaterra no XIV. A extensão a outros sacramentos é peculiar à França, onde a partir do século XIV uma pessoa “ordenada” era a que tinha confessado ou comungado e tinha recebido a extrema-unção.

Pelo mesmo caminho por onde a *ordo sacerdotum* veio a constituir um grupo social dentro do Estado nasceu logo a *ordo monachorum*, isto é, a ordem religiosa como corporação ou comunidade, acepção que aparece no espanhol⁴³, inglês e francês durante o século XIII e na Itália durante o século XIV. Estas instituições religiosas, que existiram já em meados do século VI da nossa Era, tinham de receber a aprovação dos Pontífices para ficarem devidamente constituídas. Posteriormente, outras irmandades, cujos indivíduos se ligavam por votos metade religiosos e metade guerreiros, deram origem às “ordens militares”. Neste caso eram os reis aqueles que confirmavam o correspondente estatuto; e junto a estas ordens funcionavam as de cavalaria, que, embora tivessem finalidade diferente, confundiam-se amiúde com aquelas, pelo menos na denominação. Apesar de que a ordem de Alcântara espanhola foi aprovada em 1156, a ficha mais antiga de nosso arquivo é da primeira metade do século XIII⁴⁴. Na França a

39 “... después que los nuestros cléricos, que son ordenados de *orden* de epistola o dend arriba, se entierran oy cada uno com las vestimentas de su *orden*”. *General Estoria*, Ed. Solalinde, p. 524.

40 N.T.: *Poema de Mio Cid*, a epopéia espanhola mais antiga (1140) conta as façanhas do guerreiro nacional espanhol Don Rodrigo Díaz de Vivar, apelidado Cid pelos árabes e Campeador pelos espanhóis.

41 “Nueve *órdenes* de ángeles ordenó nuestro señor Dios em la elesia celestial”. *Partidas*, 1.ª, tit. 6, pról.

42 “Onde porque esta *orden* del matrimônio establesió Dios mesmo por si...”. *Partidas*, 4.ª, pról.

43 “... e do y mio cuerpo e de mi mugier fuera ent si entráremos en *orden*”. *Doc. Ling.*, Ed. M. Pidal, 77, 49, 10.

44 “Mando que en Çorita non aya sinon un palacio de la *orden* de Calatrava”. *Fuero de Zorita*, Mem. Hist. Esp., t. 44, pág. 50.

acepção de ordem militar já aparece nos textos do século XI, na Inglaterra, no século XIV, e, na Itália, no século XVI, embora conste que a Annunziata data de 1362.

Destas ordens derivam as meramente honoríficas que existem hoje em quase todos os países como distinção outorgada pelo Estado para premiar determinados serviços. E com isto chegamos ao final da série I e das suas ramificações.

Série II

A “fila de pessoas” só tem uma citação antiga no espanhol, correspondente a meados do século XV: “van en pos de la Reyna una luenga *orden* de sus mugeres” (*Mar da Istorias*) (vão atrás da rainha uma longa fila das suas mulheres). Não está documentada nas outras línguas.

A formação militar registra-se a partir do século XVI na Itália, e é duvidoso que antes dessa data tenha existido na Espanha⁴⁵.

A acepção de unidade tática parece a usada no Poema de Afonso XI⁴⁶, porém a autoridade que não oferece dúvida é a de Palência: “assi las alas como los cuneos i quales quier otras disciplinas militares, se llamaron *órdenes*”. Podemos pois, datar esta acepção hipoteticamente meados do século XIV e com segurança no fim do séc. XV. Não ficou vestígio algum em nenhuma das outras línguas que comparamos.

O comando militar só tem a seu favor uma autoridade de Coloma (1625). Existe também no francês e precede um século a nossa citação⁴⁷. E com isto damos por terminada a série II.

Série III

Vemos a acepção de “ordem” como colocação respectiva de coisas ou pessoas, em geral, na Espanha desde meados do século XII⁴⁸; na França usou-a “o recluso de Molliens” em princípio do referido século, e na Inglaterra e na Itália é documentada no século XIV.

Vem a seguir a idéia da boa ordem, da disposição conveniente ou especialmente adequada para certo fim. Espanha, meados do século XIII⁴⁹; Inglaterra, 1382. E como entre as coisas convenientemente dispostas existe certa conexão ou recíproca dependência, origina-se o significado de relação que se consolidou na locução “en orden a” (a fim de, por meio de) muito usado no século XVI na Espanha⁵⁰ e na Inglaterra (*in order to* ou *for*).

Por outro lado, o conceito de colocação adequada e harmoniosa de elementos destinados a um mesmo fim dá origem a uma acepção técnica de arquitetura: *ordem corintia*, *ordem composta* etc., Espanha, 1552⁵¹, Inglaterra, 1563, França, 1694. Esta

45 Inclui-se esta acepção no esquema, mas vistas as variantes que oferece a passagem que servia de autoridade, prescindiu-se de citá-la.

46 Trata-se de uma leitura equivocada da Ed. Riv., cantiga 1.763 — Diz *orden* e deve ser *otero* (outeiro).

47 “... quedó todo el campo á *orden* de monsieur de Rona”. Coloma, *Gerras de los Países Bajos*, ed. Riv. pág. 105.

48 “... cata do cae el cabo del alhizada de los quentos del quarto que son escriptos de uno fata XC et non pares mientes á los quentos si van por *orden* ò non”, Lib. del Sab. de Astron., ed. Rico y S., t.2, pág. 205.

49 Fue ante de medio día el comer aguisado /.../ fue el pueblo venido, por orden asentado, /el enperador sobre todos como omebien enseñado”. *Lib. de Alexandre*, ed. Morel Fatio, copla 2572.

50 “... todos quantos se salvaron desde el principio del mundo se salvaron en *orden* á la Pasión de Cristo”. Fr. J. de los Angeles Ob. núst., ed. NB de AE, t. 20, pág. 508.

51 “A Venus, Flora, Proserpina, yá las Náyades, parece convenir el *Orden* Corintio, porque las fábricas primorosas, y adornadas de flores, hojas y volutas, parecen añadir belleza á la propia de estas deidades”. Ortiz, trad. de Vitrubio, ed., 1787, pág. 12.

acepção parece ter entrado nas línguas modernas com as primeiras traduções de Vitruvio.

O conceito de critério ordenador, que já vimos despontar em latim, verifica-se nas línguas herdeiras dando origem a acepções especiais segundo a natureza desse critério. Assim temos:

1. uma ordem do Universo, que reflete a norma soberana obedecida por tudo o que foi criado, no espanhol e no inglês, meados do século XVI⁵²;

2. uma ordem humana, que se rege pela razão, pela moral ou pelos costumes, significado que se registra no espanhol desde a segunda metade do século XIII⁵³, no inglês, no século XV, e no italiano, no XVI; e

3. outra ordem também humana que se concretiza na regra ou conjunto de regras aplicáveis em certos casos. Espanha, século XV⁵⁴; Inglaterra, século XIV. Como um caso particular desta última acepção podemos considerar a “regra monástica” que é mais ou menos severa e que se observa ou se guarda bem ou mal. Este significado acha-se em Berceo⁵⁵ e não aparece nas outras línguas que estudamos⁵⁶.

Não se esgota aqui esta série semântica, porque a regra coletivamente aceita pode ser substituída pelo desígnio individual na forma de plano, traçado ou projeto: Espanha, século XVI⁵⁷, Inglaterra, século XV. E ainda depois de adotado um plano, fica por determinar o procedimento, o método, a maneira de pô-lo em prática. Esta acepção é recolhida na França pela forma popular *orne* a princípios do século XIV, enquanto o semi-culto *ordre* não é incorporado até muito depois. Na Espanha temos essa acepção desde o século XV⁵⁸, e na Inglaterra e na Itália arrasta-se até o XVIII.

Pode ainda acontecer que a pessoa que imaginou um plano ou um procedimento não seja a mesma que irá executá-lo e neste caso terá que valer-se de outra ou outras pessoas que agirão por delegação, mediante “instruções” verbais ou escritas. Esta acepção de *ordem*, abundantemente documentada no espanhol desde o século XIV⁵⁹, não se vê registrada em outras línguas, embora seja quase certo que terá existido como antecedente do último significado de *ordem* que recolhemos em continuação, a saber: quando aquele que recebeu as instruções está ligado àquele que as deu por um vínculo de obediência e não pode, por conseguinte, deixar de ouvi-las nem alterá-las, o encargo ou a comissão convertem-se “ipso facto” no que o Dicionário acadêmico define como “mandato que se deve obedecer, observar e executar”. Esta acepção, que se delinea na Espanha desde o século XIV⁶⁰, apresenta-se na Itália por volta da mesma época e ainda demora dois séculos a aparecer no inglês. A mais antiga citação francesa (Littré) corresponde à segunda metade do século XVII.

52 “... yo pensaba... que eran tus hechos regidos por alguna *orden*.” *La Celestina*, act. 21.

53 “Dize Hugo del Pradó que la *orden* de caridad es: que Dios sea amado sobre todas cosas”. *Evangelios e Epistolas*, ed. collijn y Staaff, pág. 199.

54 “Todo hombre en esta vida debe tener algun *orden* de vivir”. Pulgar, *Glosa de Mingo Revulgo*, ed. 1787, pág. 8.

55 N.T.: Berceo, Gonzalo de (1195/1264): primeiro poeta espanhol de nome conhecido. Famoso pelas suas obras em louvor a Nossa Senhora.

56 “Grado bueno a Dios, e a Sancta Maria./ Non aviné meior nul monge en la Mongia./ Lo que diçie la regla, facia ét todavía./ Guardaba bien la *orden* sin ninguna folia”. Berceo, *St. Dom.*, ed. Riv., t. 57, pág. 42.

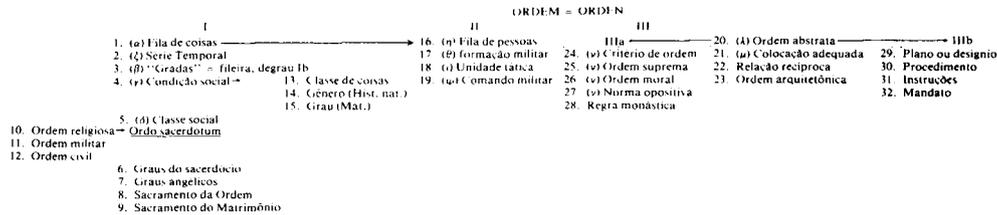
57 “Hecho el recebimiento, no como fué, que sería imposible decirlo, mas como á la *orden* del libro conviene, movieron todos juntos para la insola”. Amadis, ed. Riv., t. 40, pág. 358.

58 “Mossen Febrer fiço obras notables e algunos afirman aya traydo/ el Dante de lengua florentina en catalán, non menquando punto en la *orden* del metrificar é consonar”. Santillana. Ob., ed. 1852, pág. 11.

59 “Así que, yo daré *orden* cómo, compliendo con mi servicio é con vuestra honra, della podais ser excusado”. *Amadis*, ed. Riv., T. 40, pág. 147.

60 “La... puerta de los Deanes, la que se abrió por el alcayde de dicha Santa iglesia en fuerza de la *orden* que para ello le estaba dada”. *Mem de Fernando IV*, ed. Acad. Hist., t. 2., pág. 869.

O resultado das deduções expostas, apresentado em forma sinótica, pode ver-se no quadro anexo.



5. Ensinamentos que se deduzem da experiência realizada.

Antes de passar adiante, gostaríamos de fazer uma pausa para tirar da cansativa exposição precedente algumas conseqüências de caráter geral. É a primeira sensação confortável de confiança no que se refere à existência e substantividade das acepções enumeradas. O lexicógrafo nunca pode evitar neste ponto a receio de ter pecado por excesso ou por deficiência. Tal acepção, colocada por separado, não seria um matiz insignificante de tal outra? Não existem em certa definição elementos heterogêneos que deveriam receber tratamento individual?... No caso presente, o escrúpulo fica notavelmente atenuado ao comprovar que a nossa divisão em acepções coincide quase exatamente com a que realizaram independentemente uns dos outros e em línguas diferentes os mais acreditados dicionários modernos.

A segunda consideração refere-se às possibilidades do futuro Dicionário histórico espanhol. Já vimos experimentalmente que o nosso material, ainda incompleto¹, supera notavelmente em informação os dicionários franceses e italianos, e até pode medir-se sem desluzte com o formidável arsenal que serviu de base ao monumental Dicionário de Oxford.

Na apresentação das trinta acepções de *orden* identificadas de maneira sucinta, isto é, omitindo em benefício da brevidade definições circunstanciais, procurou-se seguir um encadeamento lógico que pretende ilustrar a forma como cada significado pôde nascer do anterior. Supusemos que a acepção "mandato", última da série IIIb, originou-se da penúltima e esta da anterior, e sucede que a realidade histórica não se opõe a esta conjectura²; porém, que fariamos no caso de um desacordo flagrante entre a ordem genética suposta e a cronológica comprovada? Por mais que nos doa confessá-lo, este conflito, que ocorre com frequência, ainda não encontrou solução satisfatória. Numeradas correlativamente as acepções do Dicionário de Oxford que interessam ao nosso propósito, isto é, as que são iguais ou equivalentes às espanholas, e colocadas depois de acordo com a data mais antiga das autoridades alegadas em cada acepção, a que hoje figura com o número 1 passaria ao 19.º lugar, a 2, ao 7.º, a 3 ao 9.º; a 4, ao 24.º etc. Além disto, há acepções que estão notoriamente fora de lugar, como a de *orden* em sentido arquitetônico, colocada na série dos grupos sociais como continuação das ordens de cavalaria. Desde logo, não é um acerto o verbete *orden* do famoso

¹ As numerosas contribuições de última hora, que correspondem precisamente aos primeiros monumentos da língua, não se puderam utilizar para o trabalho, pelo que se pode prever que, quando se redigir o verbete *orden* do projetado Dicionário Histórico, a disposição das acepções não coincida com a do nosso esquema provisório. Este só tem como finalidade a de apresentar um caso prático como ponto de referência para as observações de índole geral.

² Dizemos que "não se opõe", porque a sutil distinção entre as "instruções" para fazer uma coisa e o "mandato" para executá-la nem sempre resulta evidente nos textos espanhóis (Cf. as abonações das notas, p. 92, notas 59 e 60).

Dicionário inglês, e assim o reconhecem claramente os seus redatores num parêntese preliminar, onde nos advertem que “o método que foi seguido é em muitos pontos puramente provisório”; contudo as nossas observações não visam descobrir defeitos numa obra que é sob muitos aspectos admirável, mas apenas tornar evidente uma considerável margem de incerteza que ainda padecem os mais modernos critérios lexicográficos, o que tira todo aspecto de petulância à tentativa de remediar, no possível, algumas das deficiências observadas.

6. *Enlace das diversas acepções do étimo com as da língua herdeira.*

A primeira inovação introduzida com este fim no nosso plano consiste em ter substituído as quatro grandes séries do Dicionário inglês por três séries fundamentais que, subdivididas com arranjo ao seu conteúdo conceptual, originam um total de sete grupos semânticos suficientemente homogêneos. Deste modo facilita-se em muito a concordância da “ordem genética” com a “ordem histórica” dentro de tais grupos, o que seria impossível conseguir numa longa série heterogênea. Assim, pois, a precedência cronológica não se tem em conta uma só vez e misturando acepções tão diversas como o coro dos anjos, o sacramento do matrimônio, as ordens militares, as ordens arquitetônicas e os graus de uma curva (série II do Dicionário de Oxford), mas só se atende a essa precedência cada vez que se inicia um grupo, e sem preocupar-se com o que sucede nos outros.

Outra inovação, que pode ter conseqüências fecundas, refere-se ao modo de relacionar a etimologia com a progênie comprovada na língua herdeira, sempre que se trata de vocábulos polivalentes na língua de origem, isto é, nos casos de polissemia do étimo. Em vez de nos contentarmos, retomando o nosso exemplo, com escrever na etimologia que “ordem” procede do latim *ordo*, distinguimos e assinalamos as acepções deste vocábulo que passaram para o espanhol: *α*) “fila de coisas”; *β*) “sucessão no tempo”; *γ*) “fileira, degrau do circo” etc. Deste modo, evidenciamos um esquema da evolução semântica do vocábulo latino, evolução essa que pode comparar-se com a observada depois na língua espanhola e dar lugar a interessantes deduções.

Depois, em cada acepção espanhola, fazemos referência à latina, se é que existiu, com o que se estabelece uma rede de conexões que desfaz automaticamente muitos equívocos. Quando encontramos, por exemplo, no século XVI, e uma só vez, “ordem” com o sentido de “fileira do circo”, seja qual for o lugar que tenhamos atribuído a esta acepção dentro de uma série semântica, não temos que preocupar-nos como nem quando surgiu tal significado com relação ao que o precede. Trata-se simplesmente da acepção *γ* do étimo. Por outro lado, ao verificar apenas que a acepção de “mandato” não se refere diretamente a nenhuma acepção do étimo, somos induzidos a procurar uma explicação para esse fato dentro da evolução neolatina do vocábulo “ordem”. Também se conseguiria diferenciar deste modo aquelas acepções espanholas, que realmente se incorporam à língua, dos latinismos ocasionais sem raízes e sem conseqüências.

Por outro lado, uma vez postas frente a frente a série semântica latina e as correspondências espanholas, é quando nos podemos dar conta da solução de continuidade que se adverte entre umas e outras durante o período que compreende a ínfima latini-dade, e isto permite conjecturar em alguns casos o que sucedeu no referido período. No que se refere a “*ordem*”, vemos que as mais antigas acepções neolatinas, incluídas as que passaram para o inglês, são as de “sacramento”, “coro de anjos”, “ordem monástica” e outras do mesmo tipo, todas elas de caráter religioso, o que demonstra claramente que uma onda de latim eclesiástico se antecipou vários séculos à incorporação dos significados procedentes do latim literário.

7. Dados estatísticos de frequência no uso de cada acepção.

Outra inovação que gostaríamos de ver implantada é de caráter estatístico e estaria representada por um algarismo indicador da frequência com que foi usada cada acepção. Não se trata de uma simples curiosidade, mas de um dado importante, na nossa opinião, para a história das palavras, porque, evidentemente, não pode oferecer o mesmo interesse um desvio de significado na pena de um só autor que uma mutação semântica admitida e patrocinada por um grupo considerável de escritores. No primeiro caso, sempre cabe pensar numa distração ou num equívoco, enquanto no segundo é preciso levar a coisa a sério e buscar-lhe uma explicação. Assim, embora numa primeira impressão nos surpreendamos que “ordem” tenha significado “maneira de fazer as coisas”, temos que render-nos à evidência de umas vinte autoridades contestes pertencentes à mesma época; e posto que a economia do Dicionário não permita relacioná-las todas, poderia pôr-se em continuação às três copiadas (+ 17) para indicar a que número ascendem as fichas que ficaram arquivadas. Inversamente, quando não se pusesse tal parêntese, entender-se-ia que as autoridades apresentadas eram todas as disponíveis.

1. Os compostos intermitentes: Precauções para a sua ordenação

Até agora nós nos preocupamos somente com os vocábulos isolados como material próprio da lexicografia, embora sem esquecer que existem também unidades léxicas constituídas por dois ou mais vocábulos. A elas vamos dedicar agora a nossa atenção; antes porém, para desembaraçar o caminho, temos que falar, embora brevemente, das palavras compostas. Estas abundam mais numas línguas do que em outras. As teutônicas, e especialmente o alemão, como, por outro lado, o grego, têm marcada propensão a formar palavras compostas nas que entram vários núcleos significantes. O espanhol não carece certamente desta possibilidade, mas sempre usou dela com muita moderação e em determinadas condições. Um conglomerado de quatro substantivos como *Eisenbahnfahrpreis* “preço da passagem de (caminho de ferro) trem” é inconcebível no espanhol, e até os “simples” compostos bimembres como *casatienda* (loja-residência), *arquibanco* (banco comprido com gavetas), *maestrescuola* (mestre-escola), *bocacalle* (entrada de rua) etc., são relativamente escassos.

Além destes compostos com dois nomes, temos os de dois adjetivos (*agridulce* = *agridoce*); de adjetivo e nome (*vanagloria* = *vanglória*); de preposição e nome (*trastienda* = loja de fundos; *sobreloja*); de dois verbos (*vaivém* = *vaivém*); de verbo e nome (*ganapán* = *ganha-pão*); de preposição e verbo (*porvenir* = *porvir*); de pronome e verbo (*qualquiera* = *qualquer*); de advérbio e verbo (*malcriar* = educar mal); de conjunção e verbo (*siquiera* = *sequer*); de advérbio e nome (*bienvenida* = boas vindas); de advérbio e adjetivo (*malcontento* = descontente; *maleducado*) etc.

Não nos interessa completar a enumeração, que é tarefa própria da Gramática, nem estudar por agora quais desses compostos são do tipo “coordenado” ou “subordinado”, “progressivo” ou “regressivo”. Do nosso ponto de vista, que é o do lexicógrafo, examinamos uma questão prévia que afeta o grau de consolidação dos vocábulos compostos. Quando a fusão dos componentes pode considerar-se definitivamente consumada, o tratamento do signo verbal resultante e a sua colocação por ordem alfabética, são coisas que não oferecem dificuldade, entretanto, nos outros casos, convém proceder com muita cautela, posto que sempre houve e terá de haver um período flu-

tuante, uma etapa de transição desde que se inicia a aproximação mútua dos dois ou mais vocábulos até que se unam com um vínculo indestrutível, sacrificando um deles, e às vezes ambos, a sua figura individual.

A existência de uma autoridade, como a Academia Espanhola, que decide quando se pode escrever “dieciséis” (dezesseis) numa palavra, em lugar de “diez y seis” (o que não deixa de ter conseqüências para a taxa dos telegramas) evita em muitos casos dores de cabeça, porém se retrocedermos um par de séculos ou se tentarmos prever o que sucederá daqui a algum tempo, já não podemos contar com essa ajuda. *Porvenir* (porvir), segundo a Academia, só é um substantivo masculino. Isto reflete exatamente um uso moderno, mas um uso que provavelmente não vai mais além de fins do século XVIII. Ainda no último terço do século XIX escrevia D. Severo Catalina, “el tiempo por venir” (o tempo por vir), como era normal na época clássica. Contudo, antes que ela terminasse já se começou a escrever “porvenir” (porvir) numa só palavra, preparando o seu emprego como adjetivo, à semelhança de “venidero” (vindouro) ou de “futuro” (futuro). Um pouco mais adiante, assim como se dizia “tiempo pasado” (tempo passado), se disse “tiempo porvenir” (tempo por vir) e, suprimindo logo “tiempo” (tempo), que facilmente se subentendia, obteve-se o jogo completo de adjetivos masculinos substantivados o “pasado” (passado), o “presente” (presente), o “futuro” (futuro) e “el porvenir” (o porvir). A fórmula lógica e correta, “lo por venir” (o por vir), tinha desaparecido. Hoje já ninguém se preocupa com o que nos reserva “lo por venir”⁶³ (o por vir). Todos falamos de “el porvenir” (o porvir), e quando dizemos a um rapaz, com uma acepção ainda não registrada nos léxicos, que não se case sem ter assegurado o seu “porvenir” (porvir), nem sequer pensamos no tempo, mas apenas numa próspera situação econômica. O fato é que em nossos dias o amálgama dos elementos deste composto não pode oferecer dúvida e a sua ordenação alfabética também não. Porém, se estivéssemos no século XVIII, não poderíamos dizer o mesmo. “Porvenir” (por vir) em duas palavras teria que figurar no interior do verbete dedicado ao verbo “venir” (vir) e não em outro lugar. Por isso a Academia, apesar de que a grafia “porvenir” era usada pelos melhores escritores, inclusive Cervantes, não acreditou ter ante si um composto e não o registrou no *Dicionário de Autoridades*⁶⁴. Ela o fez por primeira vez em 1817 com o significado de “sucesso futuro”, sem fazer menção expressa de “tempo” e com a nota de “familiar”. Outros exemplos: “Al rededor” (ao redor), modo adverbial, converteu-se numa palavra a partir da quinta edição e foi parar, por conseguinte, da letra R à letra A. A locução “en seguida” (em seguida, logo depois) teve que esperar até 1947 para poder superar a separação ortográfica, pulando assim da letra S (verbe “seguida”) para a letra E. Faz dois anos, portanto, o candidato que escrevesse “enseguida” numa só palavra teria de lamentar na sua prova um risco vermelho, que poderia ser decisivo para o seu “porvenir” (porvir).

Trata-se em todos estes casos do reconhecimento de um uso geral que existiu durante um certo tempo antes que fosse sancionado. Desse uso tinham-se indícios visíveis quando cada um escrevia ao seu modo, refletindo assim o seu sentimento pessoal em relação à vitalidade ou diminuição do valor conceptual dos termos relacionados e em relação à independência ou unificação dos respectivos acentos. Quem pronunciasse a frase “escuela usted *cual quiera* de estos libros” (escolha o senhor qualquer um (qual quiser) destes livros) poderia pensar esse “quiera” (quiser) como uma forma do verbo

⁶³ N.T.: Em espanhol “por venir” exige o artigo neutro *lo*, enquanto “porvenir” (subst.) possui art. masculino *el*.

⁶⁴ N.T.: O *Dicionário de Autoridades* é o *Dicionário da Academia*, reproduzido periodicamente, sempre aumentado e corrigido, e que recebe esse nome (D. de Autoridades), em virtude de apresentar sempre testemunhas de escritores já consagrados pela fama.

“querer” e neste caso teria tendência a escrever separadamente, mas se dissesse a um amigo “dame un libro *cualquiera* para pasar el rato” (dê-me um livro qualquer para passar o tempo), a falta de concordância desse “quiera” referido à segunda pessoa desfaz toda intenção de que o amigo escolhesse o livro e o que pedia só dava a entender que lhe era indiferente um livro ou outro. “Cual” passava a ser proclítico de “quiera”, com perda do seu acento próprio, e isto se refletia na escrita mediante a união dos dois termos. O mesmo acontece com a expressão “como quiera” (como queira, como quiser), que faz algum tempo aparece nos textos formando uma só palavra, com a noção de “querer” perdida. “Pepito es un alumno aplicado, y no así *comoquiera*, sino el primero de la clase” (Zezinho é um aluno aplicado, e não de qualquer modo, mas o primeiro da classe). O Dicionário não legalizou esta união e a locução usual *como quiera que* aparece registrada no verbo “querer”⁶⁵. “Seguida”, como substantivo que expressa a “ação e efeito de seguir”, deixou de usar-se, segundo minhas informações, antes de terminar o século XVIII. Desde então para cá podemos coligir que todos os que empregaram “en seguida” tiveram consciência de manejar uma fórmula unitária; mas, eles a escreveram numa ou em duas palavras? Não há forma de sabê-lo. Quem tiver mandado papéis à imprensa e se tiver afastado em algum ponto da ortodoxia acadêmica, por descuido ou deliberadamente, ter-se-á visto inexoravelmente conduzido a ela pela mão inquisitorial do tipógrafo.

Tudo isto deve fazer meditar o lexicógrafo sempre que se lhe apresentarem dúvidas desta índole, sobretudo se se propõe realizar uma obra válida para várias gerações. Portanto cada vez que comprove que a seqüência inseparável de dois termos mostra sinais inequívocos de converter-se numa simbiose, e mais ainda quando este resultado possa influir na colocação que terá de dar-se ao composto, deverá anotar esse composto em seu novo lugar alfabético, sem suprimir uma eventual referência no lugar que ficou vago. Sirva de exemplo esse “comoquiera”, que, com razão deveria figurar já como composto na letra C.

2. As Combinações binárias de caráter estável.

Depois dos compostos flutuantes apresentam-se a nossa consideração as combinações binárias, entre as quais convém distinguir aquelas que se formam e desfazem ocasionalmente e aquelas de caráter estável. Estas últimas, são, a nosso entender, as únicas que deve recolher o Dicionário, posto que nelas um ou dois elementos combinados tomam um significado especial pelo fato de se acharem juntos. Na expressão “número primo”, por exemplo, o substantivo “número” poderia desprender-se do adjetivo e continuar sendo “número” como em “número par” ou “número ímpar”; porém “primo” só pode ter a acepção específica que aqui vemos se não se separar de “número”. No caso de “obra prima”⁶⁶ são os dois elementos que se influenciam mutuamente. “Obra” não equivaleria ao trabalho do sapateiro se não levasse o referido adjetivo ao lado, e “prima” não excluiria o trabalho de pôr saltos e meias-solas se não fosse a continuação de “obra”. O sapateiro de “obra prima” é o que faz calçado novo, diferentemente do remendão, que também se chama “zapatero valiente”, embora não o digam os léxicos.

65 N.T.: Realmente o Dicionário acadêmico registra essa expressão no verbete de “querer”, porém o *Dicionário de Uso de la Lengua Española*, de María Moliner, Madrid, Gredos, 1970 registra *comoquiera* num verbete separado.

66 N.T.: “Obra prima” em esp. significa o sapato novo feito pelo sapateiro, em oposição ao trabalho de conserto feito pelo sapateiro remendão. “Obra prima” (port.) diz-se em espanhol “obra maestra”.

Neste terreno como dissemos ao falar dos compostos intermitentes, é necessário andar com precaução. O Dicionário, por exemplo, considera combinação estável a expressão “ordem dórica” com um critério que nos parece discutível. “Ordem” tem já de per si uma acepção específica de arquitetura, e “dórico”, separado de “ordem”, continua significando o mesmo quando qualifica outros substantivos, como “coluna”, “capitel”, “estilo” etc. Um caso especial dentro das combinações binárias está representado pelos pares de substantivos em aposição, como *arco íris*, *pedra imã*, *sal amoniaco*, caso que examinaremos adiante sob outro ponto de vista; mas, em geral, estas combinações, vão parar sem dificuldade nem inconveniente nos verbetes do Dicionário, atendendo aos substantivos que figuram em primeiro lugar, e de lá se faz uma remissão ao substantivo ou adjetivo que ocupa a segunda posição (cf. § 39). Nesse terreno, a regularidade da seqüência sintática espanhola evita os difíceis problemas que traz a colocação das combinações nos dicionários das línguas germânicas. Em inglês, por exemplo, *Sea anemone* tem de alfabetar-se no A, posto que o termo principal é *anemone*, enquanto *sea* tem uma função adjetiva, como na equivalência espanhola “anemone de mar” (anêmona-do-mar). Contudo *Adam's Apple* terá de catalogar-se partindo do primeiro elemento, porque a “maçã-de-Adão” (pomo-de-Adão), não é um tipo de maçã, mas a proeminência que forma a laringe na parte anterior da garganta.

3. Os polinômios verbais. Diferentes critérios para sua ordenação alfabética.

As complicações começam quando passamos dos binômios, considerados até agora, para os polinômios verbais de três ou mais termos. Para estes casos está prevista uma hierarquia semântica que vai por ordem decrescente de importância: nome, verbo, adjetivo, pronome, advérbio etc., e sobre a base deste sistema redigiram-se regras para o uso do Dicionário acadêmico, que se podem ver em suas páginas preliminares. À primeira vista parece que estas regras vão resolver todos os problemas imagináveis, mas na prática não é assim. Quando uma parte da oração se substantiva e se apresenta em competição com um nome, pode arrebatar-lhe a primazia. Na locução “al caer de la hoja” (ao cair da folha), por exemplo, o Dicionário concede mais categoria ao infinitivo “caer” (cair) do que ao substantivo “hoja” (folha). No tocante aos verbos, também cabem vacilações. Os auxiliares não se têm em conta, por princípio; mas ocorre com freqüência que eles assumem um valor transitivo, e assim a frase “no haber más que pedir” (é só pedir) não se cataloga em “pedir”, mas em “haber” (haver). Contudo, outros verbos, que normalmente não são auxiliares, funcionam como se o fossem na formação de tempos compostos: “*tengo pensado escribir un soneto*” (*tenho⁶⁷ pensado em escrever um soneto*); “*ya llevo andado lo peor del camino*” (já tenho andado a pior parte do caminho); “*dejé dicho que no vendría a cenar*” (deixei dito que não viria jantar), etc. Tudo isto dá lugar a hesitações, que seria conveniente evitar.

Ora, se o critério do Dicionário não está a salvo de objeções, como acabamos de ver, não é menos discutível o adotado, em outros trabalhos lexicográficos, depois de madura reflexão. Reunidos recentemente vários filósofos norte-americanos tão capazes como R.S. Boggs, Lloyd Kasten e H.R. Richardson, sob a presidência do ilustre hispanista Hayward Keniston, para redigir um *Ensaio de Dicionário do espanhol medieval*⁶⁸, começaram estudando e fixando minuciosamente as normas a que todos teriam de submeter-se para assegurar a uniformidade do trabalho e, entre essas normas,

67 N.T.: O verbo *ter* em português funciona normalmente como auxiliar, porém, o mesmo não acontece no espanhol, onde o auxiliar dos tempos compostos não-marcado é “haber”. (haver).

68 *Tentative Dictionary of Medieval Spanish*, Chapel Hill, North Carolina, 1946.

está a que diz respeito ao lugar em que devem registrar-se as combinações e as frases. Diz assim: “As locuções não se colocarão atendendo ao verbo se contiverem um substantivo, pronome, adjetivo ou advérbio”. Aqui vemos notavelmente subvertida a hierarquia semântica que fixou a Academia, já que o verbo, que ali vinha em segundo lugar, passa agora a ocupar o último.

Para que se perceba praticamente o resultado diferente que produz a aplicação dos dois critérios que comparamos, bastará dar alguns exemplos. A expressão *tener a menos* (ter em menos), que a Academia registra em “tener” (ter), iria parar, segundo o sistema de Keniston, no advérbio “menos”. A frase *más vale tarde que nunca*, (antes tarde do que nunca), que o Dicionário acadêmico recolhe em “valer”, apareceria no advérbio “màs” (mais), por ser o primeiro, e por certo o menos significativo, dos três contidos na frase espanhola. A verdade é que o procedimento moderno não resulta, em nossa opinião, mais vantajoso do que o tradicional, e a consequência que daí deduzimos é que o problema que coloca a catalogação das expressões pluriverbais não teve até hoje solução satisfatória⁶⁹.

4. Tratamento das combinações (locuções) dentro do verbete correspondente.

Prescindindo no momento das sutis preocupações gramaticais com as quais nos temos deparado, vamos supor que a combinação que nos interessa já tenha encontrado o verbete em que deverá aparecer. Tomemos ao acaso *letra menuda* no sentido figurado de “astúcia e sagacidade”. Vamos ao verbete *Letra* e aí vemos todas as combinações binárias desta palavra ordenadas alfabeticamente, de acordo com a inicial do segundo elemento. Nossa locução precisa acomodar-se entre “letra mensajera” (ant. carta mensageira) e “letra mercantil” (tipo de letra usada antigamente entre comerciantes). O resultado deste sistema de colocação automática dá lugar a algumas séries heterogêneas como: *letra de mano* (a manuscrita), *letra de molde* (a impressa), *letra dental*⁷⁰ (a que se pronuncia aproximando a língua dos dentes), *letra dominical* (a que corresponde aos domingos no cômputo eclesiástico). Outra série: *letra minúscula* (a pequena); *letra muerta* (lei ou convênio que não se cumpre); *letra nasal*⁷⁰ (a que se pronuncia com a intervenção das fossas nasais); *letra negrilla* (a de imprensa mais grossa do que a comum). Vemos aqui misturadas as acepções retas com as transláticas, as familiares com as técnicas, a fonética com a imprensa e o calendário com a caligrafia. É satisfatório este método?

Já sabemos que a ordem alfabética é uma desordem organizada da qual não se pode prescindir por completo; mas se aceitarmos sua tirania para a sucessão dos verbetes, isto não exclui que no interior dos mesmos, tentemos agrupar as locuções de modo um pouco mais lógico do que o atual. Porque, além do mais, acontece que muitas das denominações registradas são sinônimas entre si e, para não repetir a explicação em cada caso, utiliza-se o divertido sistema das remissões que, como dizia Migliorini, é parecido ao jogo-da-glória: A *letra egípcia* está no início de uma coluna e nos remete à parte de baixo *negrilla* (negrito). *Versal* envia-nos a outra coluna, onde está *mayúscula* (maiúscula); *capital* obriga-nos a virar a página e nos remete outra vez a *mayúscula*, e o mesmo sucede com a *letra de caja alta* (letra de caixa alta).

Enquanto se espera uma solução melhor, poderíamos ensaiar a seguinte: já que no verbete mencionado existe uma definição circunstanciada de *Letra* como tipo de im-

⁶⁹ Veja-se o meu *Nuevo concepto del Diccionario...* p.152, nota.

⁷⁰ Hoje se diria mais precisamente: “fonema nasal”, “fonema dental”, etc.

prensa (acepção 4.^a), por que não pôr a continuação todos os nomes desses tipos, evitando as idas e vindas e permitindo ao leitor dar-se conta, numa única olhada, de todas as equivalências existentes? Deste modo teríamos: “*Letra mayúscula, capital, — versal* ou — *de caja alta* (aqui a explicação); — *minúscula* ou — *de caja baja* (idem, id.); — *cursiva, — bastardilla* ou — *itálica* (idem, id.); — *negrita, negrilla* ou — *egipcia* (idem, id.). Não seria isto muito mais razoável e instrutivo?”

O mesmo podemos dizer a respeito da acepção fonética de “Letra”, que é a segunda do verbete. Neste caso teríamos uma vantagem adicional não desprezível: a de ver de relance quais são as denominações que faltam e quais são as que sobram..., se é que não sobram todas. Vejamos por quê. Tínhamos concordado em que o Dicionário deve recolher todo tipo de combinações estáveis e, por conseguinte deve excluir as que não o são. Na última edição acadêmica entraram alguns tecnicismos de fonética, como *africada, velar, dorsal, implosiva, apical* etc. As definições correspondentes, devidas a Navarro Tomás⁷¹, seriam cientificamente irrepreensíveis se não resultassem adulterados por um detalhe da técnica lexicográfica. Hoje lemos, por ex., “AFRICADO, DA, adj. Gram. Dícese del sonido o letra cuya articulación consiste...” (AFRICADO, DA. Adj. Gram. Diz-se do som ou letra cuja articulação consiste...) e no fim da definição “Ú. t. c.s.f.” (usa-se também como substantivo feminino). Isto, dito assim, não é verdade. Quando se fala de “uma africada”, não se subentende “som” nem “articulação”, mas “letra”. A redação correta do verbete deveria ter esta forma: “AFRICADO, DA. adj. Fon. Diz-se do som cuja articulação... 2. Diz-se da letra que representa esse som.” E aqui é onde está em seu lugar “Ú.t.e.s.f.”. Mediante este simples retoque e unificadas as definições, que agora não o estão, (numas, se parte do “som”; noutras, da “consoante”; noutras, da “articulação”, e noutras, “do som, da articulação e da letra” ao mesmo tempo), só faltaria levar *apical* para o verbete próprio a *A, dorsal* ao *D*, e assim sucessivamente, com o que se teria clarificado o verbete *letra*, aliviando-o de mais de vinte itens desnecessários... e inexactos.

5. Combinações ocasionais de caráter informativo. Devem figurar no Dicionário?

Dissemos anteriormente (III, 2) que as combinações estáveis são as únicas que devem preocupar o lexicógrafo, posto que, separados os seus elementos, perdem a significação que assumiram no conglomerado; mas vemos que alguns dicionários, entre eles o acadêmico, registram outros tipos de combinações que designaremos com o qualificativo de “ocasionais”. Os seus componentes unem-se e separam-se livremente quando convém e, conservando a sua respectiva significação, podem formar parte de outras combinações. Lembremos o exemplo de “arco dórico” (III, 2).

Se percorrermos o verbete *Buque* (navio) no Dicionário, observaremos que se dá ao trabalho de explicar-nos o que significa “buque de vapor” (navio a vapor), *de vela* (a vela), *de ruedas* (de rodas), *de hélice, de transporte, de cabotaje* (de cabotagem) *mercante, de guerra* etc. Trata-se evidentemente de combinações ocasionais, já que *de vapor* (a vapor) pode unir-se com o mesmo sentido a “buque” (navio), “barco”, “máquina” etc. Porém a combinação “caballo de vapor (cavalo — vapor) entra no grupo das combinações de caráter estável, porque a acepção de unidade de medida de potência equivalente a 75 quilógrâmetros não reside em “caballo” nem em “vapor”, mas na combinação dessas duas palavras.

71 N.T.: Tomás Navarro Tomás, grande foneticista espanhol, é autor entre outras obras de: *Manual de Pronunciación Española* e *Manual de Entonación Española*.

Além disso, o leitor pergunta-se por que toda esta informação está ausente do verbete “barco”, sendo assim que na linguagem comum é tão freqüente aplicar a “barco” como a “buque” (navio) a maioria das especificações citadas; e sua dúvida pode ir além: são necessários esses pormenores informativos numa obra lexicográfica? E nós, referindo-nos mais concretamente a um Dicionário histórico da língua, podemos também perguntar-nos: tem cabimento tantas e tantas explicações que *já não versam sobre as palavras, mas sobre as coisas*? Não se trata mais de um tipo de informação que tem seu lugar adequado nos dicionários de tipo enciclopédico? Não vamos decidir aqui a questão, já que a resposta pertinente às várias perguntas formuladas dependerá do caráter que se queira dar ao Dicionário. A título de antecedentes nos limitaremos a fazer constar que o atual Dicionário da Academia, verbete *Arco*, na acepção de arquitetura, nada menos que vinte e quatro espécies de arcos, desde o *adintelado* (o que acaba por degenerar em linha reta) até o *zarpanel* (arco que consta de várias porções de circunferência tangentes entre si e traçadas desde diferentes centros) enquanto o Dicionário de Oxford, com uma extensão vinte vezes maior que a do Espanhol, só traz a acepção geral correspondente.

ABSTRACT: Semantics and Lexicography interpenetrate mutually as Lexicography is not limited to collecting the words of lexicon, but attempts to describe word meanings and usage. The lexicographer also deals with the evolution of word significations to establish the gamut of meanings (“acceptions”) of a lexical sign. Casares establishes the concept of “acception” and discusses the problem of discrimination of meanings and their structure in polysemic words. Another critical point for the lexicographer is the recognition and correct identification of metaphorical meanings. Casares uses as an illustrative example the word Lat. > Sp. orden (Port. ordem), polysemic sign. He provides a chart of the semantic network concerning the evolution of the meanings of this word from the original Latin etymon to modern Spanish. Casares also treats the problem of lematization, i.e., the technical decision of opposing, as a dictionary entry, one or another lexical form. This choice arouses permanent debate among lexicologists over the manner in which compound words should be entered. How does the lexical categorization of a verbal polynomial take place and when? This problem becomes more complex owing to the chaotic tradition of many scripts, particularly in the case of “lexical syntagmes”. Casares advocates a dictionary which contains a frequency index of the usage of each word and of each meaning of a word.

KEY-WORDS: Semantics; lexicography; meaning; “acception”, onomasiology; semasiology; etymology; ordering of meanings; polysemy; metaphorical meaning; etymon; usage frequency; binary combination; verbal polynomial; treatment of lexical syntagmes.
